

LAZARILHO
DE TORMES

Prólogo

Eu tenho por bem que coisas tão assinaladas e, porventura, nunca ouvidas nem vistas, cheguem ao conhecimento de muitos e não caiam na sepultura do esquecimento, porque pode ser que

alguém, ao lê-las, encontre qualquer coisa que lhe agrade, e deleite aqueles que não as aprofundarem. A este propósito disse Plínio que não há livro, por pior que seja, que não tenha alguma coisa boa; principalmente porque os gostos não são todos iguais, pois o que um não come, outro devora. Assim, vemos coisas desprezadas por alguns e estimadas por outros. Isto porque nenhuma coisa deve ser destruída ou desprezada, se não for bastante detestável, mas, pelo contrário, comunicada a todos, principalmente se ela não for prejudicial e se for possível tirar dela algum fruto. Porque, se assim não fosse, muito poucos escreveriam para um só, porque não se faz isto sem trabalho e os que o tiveram, querem ser recompensados, não com dinheiro, mas com que conheçam e leiam suas obras e, se houver razão para isso, as louvem. A este propósito afirmou Túlio: “A honra cria as artes”.

Quem pensa que o soldado, que é o primeiro da escala, tem uma vida mais aborrecida que outros? Com certeza não é assim, mas o desejo de reconhecimento o força a expor-se ao perigo, acontecendo de modo semelhante na carreira das artes e das letras. Prega muito bem o teólogo, sendo homem que muito deseja o proveito das almas, mas perguntem a sua mercê se não gosta de ouvir dizer: “Oh, que sermão maravilhoso pronunciou Vossa Reverência!” O senhor dom Fulano combateu muito mal, e deu ao truão o gibão porque o elogiou de haver dado bons lançasos: que faria ele se o elogio fosse verdadeiro?

Mas a vida é assim mesmo; ao confessar que não sou melhor que meus vizinhos, não me pesará que participem e se divirtam com esta insignificância, que neste grosseiro estilo escrevo, quantos nela encontrarem algum valor e vejam como vive um homem, vítima de tantas desgraças, perigos e adversidades.

Suplico a Vossa Mercê que receba o pobre serviço de quem o teria feito mais rico, se a sua capacidade e desejo fossem proporcionais. Já que Vossa Mercê escreve solicitando que se lhe escreva para relatar o caso, julguei melhor não começar pelo meio, mas pelo princípio, para que se tenha completa informação da minha pessoa. Também para que considerem os poucos méritos que possuem aqueles que herdaram nobres condições, visto que a Fortuna foi com eles parcial, e quanto mais fizeram aqueles que, sendo-lhes ela contrária, remando com força e manha, chegaram a bom porto.

Tratado Primeiro

Lázaro conta sua vida e de quem foi filho

Antes de mais nada, saiba Vossa Mercê que me chamam Lázaro de Tormes, filho de Tomé González e de Antona Pérez, naturais de Tejares, aldeia de Salamanca. Meu nascimento se deu dentro do rio Tormes, motivo que explica meu sobrenome; e foi assim: meu pai, que Deus o tenha, era encarregado de alimentar a moenda de

um moinho, que fica à margem daquele rio, onde foi moleiro por mais de quinze anos; e estando minha mãe uma noite no moinho, grávida de mim, vieram-lhe as dores do parto, ganhando-me ali mesmo. De modo que me considero nascido no rio.

Quando eu tinha oito anos, acusaram meu pai de certas sangrias malfeitas nos sacos que ali traziam para moer, pelo que foi preso, confessou e não negou, sendo, por esse motivo, perseguido pela justiça. Confio em Deus que ele esteja na glória, pois o Evangelho os chama bem-aventurados. Nesse tempo, organizou-se uma armada para lutar contra os mouros, sendo nela incluído meu pai, que estava condenado ao desterro por causa das sangrias malfeitas, recebendo a incumbência de arrieiro de um cavaleiro que participou da expedição. Com seu senhor, como fiel criado, terminou seus dias.

Minha viúva mãe, como se visse sem marido e sem proteção, decidiu aproximar-se dos bons para ser um deles. Foi viver na cidade, onde alugou uma casinha, dedicando-se a cozinhar para certos estudantes, e lavava a roupa para os tratadores dos cavalos do comendador da Madalena, de modo que foi freqüentando as cavaliças.

Ela e um homem moreno, um dos que tratavam dos animais, conheceram-se. Ele, às vezes, vinha a nossa casa e ia embora de manhã. Outras vezes, durante o dia chegava-se à porta, com a desculpa de comprar ovos, e entrava em casa. No começo de suas visitas, eu não gostava dele, tendo-lhe até medo, por causa de sua cor e de seus maus gestos; mas, desde que percebi que com sua vinda melhorava a comida, comecei a querer-lhe bem, pois sempre trazia pão, pedaços de carne e, no inverno, lenha com que nos aquecíamos.

De modo que, com a repetição das pousadas e das conversações, minha mãe deu-me um negrinho, muito bonito, que eu fazia pular sobre meus joelhos e a quem ajudava a aquecer. Lembro-me de que, estando o negro do meu padraço brincando com o menino, como este via que minha mãe e eu éramos brancos e o pai não, fugia para minha mãe, com medo e, indicando com o dedo, dizia: “Mãe, olha o bicho!” Respondeu ele, rindo; “Filho da puta!”

Eu, embora jovem, notei aquelas palavras de meu irmãozinho e pensei: “Quantos devem existir no mundo que fogem dos outros porque não se vêem a si mesmos!”

Para azar nosso, a conversa do Zaide, assim ele se chamava, com minha mãe chegou aos ouvidos do mordomo que, depois de investigar, constatou que a metade da cevada entregue a meu padraço, para os animais, ele furtava, bem como farelos, lenha, rascadeiras, panos de limpeza, dando como perdidas as mantas e os xairéis dos cavalos. Quando não tinha outra coisa, tirava as ferraduras dos animais, e com tudo isto socorria a minha mãe para criar meu irmãozinho. Não nos admiremos de um clérigo ou de um frade, porque um rouba dos pobres e o outro do convento para dar às suas devotas e para ajudar a outro tanto, quando a um pobre escravo o amor o levava a isto.

Tudo quanto digo foi provado e ainda mais, pois a mim interrogavam com ameaças e, sendo eu um menino, com medo, respondia e descobria tudo o

que sabia; até certas ferraduras que a mandado de minha mãe vendi a um ferreiro. Açoitaram meu triste padraço e nele pingaram gordura quente e minha mãe condenaram, além da habitual sentença de cem açoites, a nunca mais entrar na casa do referido comendador, nem receber em sua casa o coitado do Zaide.

Para não piorar as coisas, a infeliz fez um esforço e cumpriu a sentença. E, para evitar perigos e livrar-se das más línguas, foi servir aos que nesse tempo viviam na estalagem de Solana. Ali, sofrendo mil incômodos, terminou de criar meu irmãozinho, até ele aprender a andar, e a mim até eu ser um bom rapaz, servindo para buscar vinho e velas para os hóspedes e fazer tudo o mais que me mandavam.

Nesse tempo, veio pousar na estalagem um cego, o qual pensando que eu serviria para guiá-lo, pediu-me a minha mãe. Ela confiou-me ao cego, advertindo-o de que eu era filho de um bom homem, o qual, para louvar a fé, morreria na armada de Gelves, e disse confiar em Deus que eu não saísse pior homem que meu pai. Pediu-lhe que me tratasse bem e olhasse por mim, pois era órfão. Ele respondeu que assim faria, recebendo-me não como criado, mas como filho. Assim comecei a servir e a guiar o meu novo e velho amo.

Depois de passarmos alguns dias em Salamanca, meu amo resolveu partir, porque não estava contente com o que ali ganhava. Quando chegou a hora da partida, fui ver minha mãe e, chorando, despedimo-nos; ela abençoou-me e disse:

— Filho, sei que não verei mais você. Procure ser bom e que Deus o guie. Eu criei você e depois entreguei a um bom amo. Faça-se sozinho.

Assim fui para meu amo, que estava à minha espera.

Saímos de Salamanca e, chegando à ponte, está a sua entrada um animal de pedra, que quase tem a forma de um touro; o cego ordenou que me aproximasse do animal, e ali me disse:

— Lázaro, encoste o ouvido a este touro e ouvirá um grande ruído dentro dele.

Ingenuamente eu atendi, acreditando ser verdade. Quando percebeu que eu tinha a cabeça junto à pedra, bateu firme com a mão, fazendo-me dar uma grande cabeçada no maldito touro, de modo que, por mais de três dias, suportei as dores da cornada; e disse-me:

— Estúpido, aprenda que um guia de cego tem que saber mais que o diabo.

E riu muito da burla.

Pareceu-me que, naquele momento, despertei da simplicidade em que, como menino, achava-me adormecido. Então pensei: “Ele tem razão, tenho que abrir os olhos e estar atento, porque sou sozinho, e devo pensar em como me defender”.

Começamos a nossa caminhada e, em poucos dias, ensinou-me a sua gíria. Regozijava-se muito com meu talento e afirmava: “Nem ouro, nem prata posso lhe oferecer, mas conselhos para viver muitos lhe darei”. E assim aconteceu, porque, depois de Deus, foi ele quem me deu a vida e, apesar de cego, abriu-me os olhos, ensinando-me a viver.

15

20

Sinto satisfação em contar a Vossa Mercê estas ninharias, para mostrar quanta virtude há nos homens que sabem subir, vindo do nada, e quanto vício em deixar-se rebaixar do alto.

Voltando ao meu bom cego e contando as suas artimanhas, saiba Vossa Mercê que, desde que Deus criou o mundo, a ninguém fez mais astuto e sagaz. Em seu ofício era uma águia. Sabia de cor cento e tantas orações. Rezava em tom grave, pausado e sonoro, fazendo ecoar sua voz na igreja. Assumia uma expressão de humildade e devoção quando rezava, sem fazer gestos nem movimentos com a boca ou com os olhos, como outros costumam fazer. Além disso, possuía outras mil maneiras e ardis para conseguir dinheiro. Dizia saber orações para muitos e diferentes fins: para mulheres estêreis, para as que estavam de parto, para as mal-casadas se tomarem amadas pelos maridos. Fazia previsão às grávidas, se iam ganhar menino ou menina. Sobre a medicina, dizia que Galeno não soube a metade do que ele sabia para curar dor de dentes, desmaios e doenças do útero. Se alguém se queixasse de alguma paixão, logo ele receitava: “Faça isto, faça aquilo, colha tal erva, tome tal raiz”. Por causa disto, andava todo mundo atrás dele, especialmente as mulheres, porque acreditavam em tudo o que lhes dizia. Delas tirava grande proveito com as artimanhas que conto, ganhando mais num mês do que cem cegos num ano.

Mas também quero que saiba Vossa Mercê que, com tudo o que adquiria e possuía, jamais vi um homem tão avarento e mesquinho, tanto que me matava de fome, pois eu não comia nem a metade do necessário. Na verdade, se não contasse com a minha astúcia e as boas manhas para me virar, muitas vezes teria morrido de fome. Porém, apesar de todo o seu saber e prevenção, eu o enganava, de modo que, quase sempre, me cabia o maior e melhor. Para isso, eu fazia grandes trapaças, das quais contarei algumas, ainda que nem todas sejam sem prejuízo meu.

Ele trazia o pão e tudo o mais numa bolsa de pano, fechada com uma argola de ferro e cadeado e sua chave. Ao pôr ou tirar dela qualquer coisa, tinha tanto cuidado e tanto controle que nenhum homem do mundo poderia roubar-lhe uma migalha. Eu aceitava a miséria que ele me dava, a qual eu liquidadava em menos de duas dentadas. Depois que fechava o cadeado, descuidava-se, pensando que eu estava ocupado em outras atividades; mas eu, por um lado da costura que descosia e depois tomava a costurar, retirava não apenas pão, mas bons pedaços de torresmo e lingüiça. Assim, aguardava a ocasião conveniente, não para repetir o feito, mas para aliviar a maldita dieta que o mau cego me impunha.

Tudo o que podia subtrair e furtar trazia em moedas de meia branca e, quando o mandavam rezar e lhe davam brancas, como ele não enxergava, mal faziam menção de lhe entregar a moeda, já eu a tinha escondido na boca e estava com meia branca pronta na mão. De modo que, por mais rápido que ele avançasse, a esmola já lhe chegava pela metade. O mau cego queixava-se comigo, porque pelo tato logo conhecia e percebia que não era uma branca inteira, e dizia:

— Que diabo é isto que, desde que você está comigo, não me dão mais do que moedas de meia branca e antes me davam uma branca e muitas vezes um maravedi? Deve ser você a causa desta infelicidade.

Ele também abreviava as rezas, dizendo as orações pela metade, porque havia dado ordem para puxá-lo pela ponta da capa, logo que se afastasse quem o mandara rezar. Assim eu procedia. Logo ele recomeçava a gritar, dizendo: “Quem manda rezar esta ou aquela oração?”, como dizem os cegos.

Enquanto comíamos, ele costumava pôr ao seu lado um jarrinho de vinho, que eu apanhava com rapidez, dava-lhe dois silenciosos beijos, repondo-o logo no lugar. Mas não me durou muito, pois nos longos tragos ele notava a falta, de modo que, para defender seu vinho, jamais facilitou o jarro, trazendo-o sempre seguro pela asa. Mas não havia ímã mais poderoso, que tanto para si puxasse, como eu com uma comprida palha de centeio. Com ela enfiada no jarro, chupava o vinho, deixando o velho a ver navios. Mas, como o danado era muito astuto, penso que percebeu tudo. Daí em diante mudou de atitude, passou a colocar o jarro entre as pernas, tapando-o com uma das mãos, e assim bebia tranqüilamente.

Como eu estava habituado ao vinho, sentia a sua falta e, vendo que o artifício da palha não me valia mais, resolvi fazer no fundo do jarro um pequeno orifício e, com muito jeito, tapá-lo com uma leve camada de cera.

Na hora de comer, fingindo ter frio, refugiava-me entre as pernas do triste cego, para me aquecer junto ao nosso pequeno fogo. Logo que a cera derretia com o calor, começava a fontezinha a destilar o vinho para a minha boca, que eu colocava de maneira que nenhuma gota se perdia. Quando o coitado ia beber, não encontrava nada. Ficava espantado, maldizia-se e mandava ao diabo o jarro e o vinho, sem compreender o que estava acontecendo.

— Não vá pensar, tio, que eu bebo o vinho — dizia—pois o senhor não tira a mão dele.

Tanto virou e apalpou o jarro, que localizou a fonte, percebendo a armadilha em que havia caído; porém, soube disfarçar como se nada houvesse descoberto. No dia seguinte, dispondo-me a fazer destilar o jarro como de costume, sem pensar no castigo que me esperava e, sem saber que o mau cego havia descoberto tudo, instalei-me no mesmo lugar de sempre. Quando eu recebia aqueles doces tragos, com o rosto voltado para o céu, com os olhos meio fechados, para apreciar melhor o saboroso licor, pressentiu o desesperado cego que chegara a hora de se vingar de mim. Levantando com as duas mãos aquele doce e amargo jarro, deixou-o cair sobre a minha boca com toda a força, de maneira que o pobre Lázaro, que nada esperava daquilo mas, pelo contrário, como das outras vezes, estava descuidado e cheio de prazer, teve a impressão de que o céu, com tudo o que nele existe, lhe caía em cima.

A pancada foi tão forte que fiquei tonto e perdi os sentidos. O jarro bateu com tanta violência, que os cacos enterraram-se no meu rosto, machucando-me em vários lugares, quebrando-me os dentes, sem os quais estou até hoje. A partir daquela hora comecei a odiar o mau cego que, embora me estimasse, agra-

dasse e me curasse, notei que estava feliz pelo cruel castigo que me dera. Lavou-me com vinho os ferimentos que tinha causado e, sorrindo, dizia:

O que você acha, Lázaro? O que causou em você a doença, cura e dá saúde.

E outras gracinhas, que a meu ver não tinham graça nenhuma.

Assim que fiquei meio curado do negro castigo e das minhas feridas, considerando que, com outros golpes semelhantes, o cruel cego se livraria de mim, resolvi então eu me livrar dele. Só não o fiz imediatamente, para ter maior garantia e tirar melhor proveito. Embora tentasse acalmar meu coração e perdoar-lhe a maldade do jarro, não desculpava o mau tratamento que o maldito cego dali em diante me infligia, pois sem motivos nem justificativa me feria, dando-me cascudos e puxões de cabelo. Se alguém lhe perguntava porque me tratava tão mal, logo contava o conto do jarro, dizendo:

— Pensam que este moço é algum santo? Então vejam se o próprio diabo tentaria coisa semelhante.

Benzendo-se, os que ouviam, comentavam:

— Veja só, quem pensaria que um rapaz tão jovem fosse capaz de tanta maldade!

Riam-se muito da minha artimanha e diziam:

— Castigue, castigue, que Deus vai recompensá-lo!

Ele, com tais conselhos, não fazia outra coisa.

Por isto, eu o conduzia, de propósito, pelos piores caminhos, para lhe fazer mal e causar dano: se havia pedra, por cima delas; se lodo, pela parte mais funda. Embora eu não fosse pelo mais seco, não me importava de vazar-me um olho para vazar dois a quem não tinha nenhum. Por isso ele me batia constantemente com o cabo do grande bastão na nuca, a qual eu tinha sempre cheia de galos e pelada pelas suas mãos. Embora eu jurasse que não fazia por mal, mas porque não achava caminho melhor, de nada adiantava, pois não me ouvia, nem acreditava mais em mim, tal era a intuição e a grande esperteza do traidor.

Para que Vossa Mercê veja até onde chegava o engenho deste astuto cego, contarei um caso dos muitos que com ele me aconteceram, no qual me parece ter demonstrado bem sua grande astúcia. Quando saímos de Salamanca, a sua intenção era vir à terra de Toledo, porque dizia ser de gente mais rica, embora pouco afeita a dar esmolas. Apoiava-se no provérbio: “Rende mais o coração duro de um rico que a miséria caridosa de um pobre”. Atingimos este ponto pelos melhores lugares. Onde encontrava boa acolhida e bom lucro, demorávamos; caso contrário, ao fim do terceiro dia, íamos embora.

Aconteceu que, chegados a um lugar chamado Almorox, na época da colheita, um vindimador lhe deu um cacho de uvas como esmola. Como não costumam ter cuidado com os cestos e, também, porque nessa época as uvas estão muito maduras, desmanchava-se o cacho nas mãos. Se o colocasse na bolsa de provisões, ficaria mosto, podendo até estragar outras coisas. Resolveu então fazer um banquete, primeiro porque não podia levar o cacho e, depois, para me agradar, já que naquele dia me havia dado muitas joelhadas e tapas. Sentamo-nos à beira de um barranco e disse:

40

45

— Agora vou praticar uma liberalidade com você, que é comermos este cacho de uvas em partes iguais. Vamos reparti-lo desta maneira: Você tira uma uva e eu outra, com a promessa de que não tirará mais do que uma de cada vez. De minha parte, farei o mesmo até acabarmos, assim não haverá engano.

Feito o acordo, começamos; mas logo na segunda vez o traidor mudou de plano e começou a tirar as uvas duas a duas, supondo que eu devia fazer o mesmo. Vendo que faltava ao combinado, não me contentei em ir a par com ele, mas ainda lhe passava adiante, duas a duas e três a três e, como podia, comia. Terminado a cacho, ficou um momento com o engajo na mão e, sacudindo a cabeça, disse:

— Lázaro, você me enganou. Juro por Deus que comeu as uvas três a três.

— Não comi — respondi —; mas, por que o senhor desconfia?

Respondeu o esertíssimo cego:

— Sabe o que me diz que você comeu três a três? E que eu comi duas a duas e você não disse nada.

[Ao que eu não respondi. Assim, íamos nós caminhando soh alguns soppontais em Escalona, onde ficamos em casa de um sapateiro; havia ali muitas cordas e outras coisas que fazem de esparto, e algumas bateram na cabeça do meu amo. O qual, levantando as mãos, tocou e, percebendo o que era, disse-me:

— *Ande depressa, rapaz, saíamos de tão má comida, que faz mal sem que a comamos.*

Eu, que ia muito distraído, olhei para ver de que se tratava e, vendo só cordas e cinchas, que não era coisa de comer, disse-lhe:

— *Tio, por que o senhor diz isso?*

Respondeu-me então:

— *Cale-se, sobrinho, segundo as manhas que tem, saberá e verá como digo a verdade.*

Assim passamos adiante pelo mesmo portal, e chegamos a uma estalagem, à porta da qual havia muitos chifres pregados à parede, onde os arrieiros atavam seus animais e, quando procurava reconhecer se era ali a estalagem onde todos os dias ele costumava rezar pela estalajadeiro a oração da Emparedada, agarrou um chifre e, dando um grande suspiro, disse:

— *Oh, coisa ruim, e ainda pior que o feito! Quantos desejam pôr você na cabeça alheia e quão poucos desejam tê-lo, sequer ouvir o seu nome!*

Como o ouvi, perguntei:

— *Tio, o que é que está dizendo?*

— *Cale-se, sobrinho, que isto que tenho nas mãos um dia lhe dará mau almoço e pior jantar.*

— *Não o comerei eu—disse — e ninguém me dará para comer.*

50

60

65

—*Eu digo a verdade; se você viver, verá.*

Assim passamos adiante, chegando à porta da estalagem, à qual prouvera a Deus que nunca chegássemos, pelo que ali aconteceu.

A maior parte das suas orações era por estalajadeiros, taberneiras e rameiras, e assim por semelhantes mulherzinhas, que por homem quase nunca o vi dizer uma oração.]

Eu ria comigo mesmo e, embora jovem, bem percebia a discreta advertência do cego. 70

Mas, para não me prolongar, deixo de recordar muitas coisas, tão engraçadas quanto dignas de nota, acontecidas com este meu primeiro amo, e quero contar como foi a despedida e encerrar este assunto.

Estávamos em Escalona, vila do duque do mesmo nome, numa estalagem, e ele me deu um pedaço de lingüiça para assar. Quando a lingüiça já estava pronta e ele tinha comido com pão a gordura que pingara, tirou da sacola um maravedi e mandou-me buscar vinho na taberna. Foi o demônio quem me mostrou a oportunidade pois, como diz o provérbio, a ocasião faz o ladrão; junto do fogo estava um pequeno nabo, comprido e meio podre que, certamente por não prestar para o cozido, tinha sido jogado ali. Como naquele momento os únicos presentes éramos ele e eu e me sentisse com grande apetite por causa do gostoso cheiro da lingüiça, que era a única coisa com que iria me deliciar, sem me preocupar com as consequências, pus o medo de lado. Atendendo apenas ao desejo, enquanto o cego tirava o dinheiro da sacola, tirei a lingüiça e enfiei rapidamente o nabo no espeto. O meu amo, enquanto me entregava o dinheiro para o vinho, pegou e começou a rodá-lo sobre o fogo, querendo assar o que, por não prestar, se livrara de ser cozido.

Fui buscar o vinho e, no caminho, despachei a lingüiça; ao voltar, encontrei o pecador do cego apertando o nabo entre duas fatias de pão, crente de que era a lingüiça, por não havê-la tateado com a mão. Como pegasse as fatias e as mordesse pensando também tirar parte da lingüiça, ficou gelado com o frio nabo. Alterou-se e disse:

— Que é isto, Lazarilho?

— Desgraçado de mim! — disse eu. O senhor está me acusando de alguma coisa? Por acaso não fui buscar vinho? Alguém que esteve aqui, por brincadeira, fez isso. 75

— Não, não — disse ele —, porque eu não larguei o espeto da mão; isso não é possível.

Jurei e tomei a jurar que estava inocente daquele truque e troca, porém de pouco adiantou, pois à astúcia do maldito cego nada escapava. Levantou-se e agarrou-me pela cabeça para cheirar. Como devia sentir o meu hálito, ele, à semelhança de um cão de caça, para melhor esclarecer a verdade e com a grande aflição em que se encontrava, segurando-me firme, com as mãos abria a minha boca o mais que podia e, sem consideração alguma, nela metia o nariz. Tinha o longo e afilado e, naquele momento, por causa de sua fúria, aumentara um

palmo, e com a ponta atingiu-me a goela. Então, devido ao grande medo que tinha e porque fora comida há tão pouco tempo, a maldita linguiça ainda não me assentara no estômago; e ainda mais com os toques daquele enorme nariz, que me deixara meio sufocado. Todas essas coisas se juntaram e foram causa de que o fato e a guloseima se manifestassem e a linguiça fosse devolvida ao seu dono. De forma que, antes que o mau cego tirasse a tromba da minha boca, senti tal alteração no estômago, que lhe restitui o furto por cima, de sorte que seu nariz e a famigerada linguiça mal mastigada saíram da boca ao mesmo tempo.

Oh! grande Deus, antes queria ver-me sepultado, porque morto eu já estava! Foi tal a maldade do perverso cego que, se não acudissem ao ruído, não me deixaria vivo. Arrancaram-me de suas mãos, deixando-as cheias dos poucos cabelos que ainda restavam, com o rosto arranhado e o pescoço e a garganta rasgados. Isto bem que ele merecia, pois, por causa de sua maldade, vinham-me semelhantes aborrecimentos.

O mau cego contava minhas façanhas a todos que se aproximavam de nós, detalhando-as uma a uma, desde a história do jarro, até a do cacho de uvas e agora a da linguiça. Os presentes riam com tanta vontade que os que passavam pela rua, entravam para ver a festa. Com tanta graça e gesticulação o cego narrava minhas aventuras que, embora eu estivesse todo maltratado e choroso, parecia-me injusto não rir também.

Enquanto isto se passava, lembrei-me de uma covardia e fraqueza que tive e de que me maldizia, que foi não o deixar sem nariz, pois tive tempo suficiente para isso, porque metade do caminho já fora percorrido. Era só apertar os dentes e o nariz ficaria em casa, e, mesmo sendo daquele malvado, talvez caísse melhor no estômago do que a linguiça e, não vomitando, eu poderia negar a acusação. Tomara Deus que eu tivesse feito, pois para mim teria sido igual.

A estalajadeira e os que ali estavam reconciliaram-nos e, com o vinho que eu havia trazido para ele beber, lavaram-me o rosto e a garganta. Sobre isto discorria com humor o cego, dizendo:

— Na verdade, mais vinho consome este rapaz sendo lavado durante um ano, do que eu bebo em dois. Ao menos. Lázaro, você deve mais ao vinho que ao seu pai, porque ele gerou você uma só vez e o vinho mil vezes lhe deu a vida.

Depois, contava quantas vezes tinha me escalavrado e arranhado o rosto e com vinho logo me curara.

— Eu digo — disse — que se um homem, no mundo, há de ser bem-aventurado em vinho, esse será você.

Riam muito os que me lavavam, embora eu resmungasse. Mas o prognóstico do cego não saiu tão errado e, de lá para cá, muitas vezes me lembro daquele homem que, sem dúvida, devia ter o dom de profecia. Arrependo-me dos dissabores que lhe causei, apesar de os ter pagado caro, considerando que o que naquele dia me disse saiu tão certo como adiante Vossa Mercê ouvirá.

Por isto e pelas gozações que o cego me fazia, decidi deixá-lo. Como já tinha o plano pronto e era esse o meu desejo, com esta última que me fez reforcei a

80

85

idéia. Assim foi que, logo no dia seguinte, saímos pela vila a pedir esmola. Havia chovido muito na noite anterior e, como também chovesse durante o dia, ele rezava debaixo de alguns soportais que havia naquele povoado, onde não nos molhá-vamos. Mas como a noite se aproximava e a chuva não passava, disse-me o cego:

— Lázaro, esta chuva não pára e, à medida que escurece, ela aumenta. Recolhamo-nos à pousada a tempo.

Para lá chegar tínhamos que passar um arroio que, por causa da chuva, estava muito cheio. Eu lhe disse:

— Tio, o arroio subiu muito; se quiser, eu procuro um lugar por onde possamos atravessar mais facilmente, sem nos molharmos, porque há um lugar muito estreito que de um salto poderemos atravessar tranquilamente.

Pareceu-lhe uma boa medida e afirmou:

— Você é muito vivo e por isso gosto de você. Leve-me a esse lugar onde o arroio se estreita, porque estamos no inverno e a água fria faz mal e pior ainda a quem ficar com os pés molhados.

Vendo que tudo se preparava de acordo com o meu desejo, levei-o para fora dos portais. Conduzi-o diretamente a um pilar ou poste de pedra da praça, sobre o qual e sobre outros iguais se apoiavam as sacadas daquelas casas, e disse-lhe:

— Tio, aqui está o passo mais estreito do arroio.

Como chovia forte e o pobre se molhava e como estávamos com pressa tentando fugir da água que caía sobre nós e, sobretudo, porque Deus naquela hora, para conceder-me a vingança, cegou-lhe o entendimento, acreditou em mim e disse:

— Ponha-me no lugar certo e pule você o arroio.

Coloquei-o bem em frente a um pilar e dei um salto, pondo-me atrás do poste, como quem espera a investida de um touro, e disse-lhe:

— Força! Dê o maior salto que puder, para cair deste lado da água.

Nem bem tinha terminado de falar, abalança-se o pobre cego como um bode e, com toda a sua força, arremete dando um passo atrás, antes de se lançar, para o salto ser maior. Bate com a cabeça no poste, que souu tão forte como se fora uma grande abóbora, e caiu para trás meio morto e com a cabeça rachada.

—Como? Cheirou a lingüiça e o poste não? Cheire! Cheire! - disse-lhe eu.

Deixei-o entregue a muita gente que fora socorrê-lo e saí pela porta da vila numa corrida a toda pressa e, antes que a noite viesse, cheguei em Torrijos. Não soube mais o que Deus fez dele e nem procurei saber.

90

95

Tratado Segundo

De como Lázaro se pôs a serviço de um clérigo e o que lhe aconteceu

Não me parecendo estar ali a salvo, no dia seguinte parti para um lugar chamado Maqueda, onde, para mal dos meus pecados, topei com um clérigo que, chegando eu a pedir-lhe esmola, perguntou-me se sabia ajudar à mis-

100

sa. Respondi que sim, e era verdade, pois embora me maltratasse, várias coisas boas o pecador do cego me ensinou, sendo essa uma delas. Finalmente, o clérigo recebeu-me como seu criado.

Escapei do trovão e dei com o relâmpago. Como contei, o cego era um Alexandre Magno, em comparação ao clérigo, apesar de ser a avareza em pessoa. Afirmando que ele guardava em si toda a mesquinhez do mundo, só não sei dizer se lhe era própria ou se lhe viera junto com o hábito de clérigo.

Possuía uma velha arca fechada à chave, a qual trazia amarrada a um cordão do capote. Mal chegava da igreja com o pão das oferendas, ele mesmo o guardava na arca, fechando-a novamente. Em toda a casa não havia nada para comer, como é costume em outras: algum toicinho pendurado na chaminé, algum queijo na prateleira ou no armário, um cesto qualquer com pedaços de pão sobrados da mesa. Parece que, mesmo que não me aproveitasse destas coisas, me consolaria só em vê-las.

Havia apenas uma réstia de cebolas, fechada à chave, num quarto que ficava no alto da casa. Delas, eu tinha como ração uma de quatro em quatro dias e, quando lhe pedia a chave para ir buscar a minha cebola, se alguém estava presente, ele metia a mão num bolso interior e, com solenidade, me entregava, dizendo:

— Tome e devolva-a depressa, e não pense só no seu deleite.

105

Como se aquela chave guardasse todas as conservas de Valência, quando não havia no tal quarto, como disse, maldita coisa que a réstia de cebolas pendurada num prego. Tinha-as bem contadas e, se por mal dos meus pecados, pegasse além da minha quota, eu pagaria caro. Assim sendo, eu morria de fome.

Usava comigo de pouca caridade, mas se tratava muito bem. Cinco brancas de carne era normalmente o que comia no almoço e na janta. Verdade seja dita, ele repartia o caldo comigo, porque da carne eu só sentia o cheiro; tocava-me um pedaço de pão e provesse a Deus que chegasse a matar a metade da minha fome!

Aos sábados, comem-se nessa terra cabeças de carneiro e ele mandava-me comprar uma, que custava três maravedis. Eu cozinhava-a e ele comia os olhos, a língua, o pescoço, os miolos e a carne das queixadas e dava-me todos os ossos roídos. Passava-me o prato, depois de comer, dizendo:

— Tome, coma, triunfe, que o mundo é seu. Você tem melhor vida que o Papa.

“Deus lhe dê o mesmo”, eu dizia para comigo.

110

Depois de três semanas com ele, fiquei em tal fraqueza, que não conseguia manter-me em pé, de tanta fome. Vi-me claramente a caminho da sepultura, se Deus e a minha sabedoria não me valessem. Não tinha como usar das minhas artimanhas, porque não havia nada para deitar mão. Mesmo que houvesse algo, não poderia enganá-lo, como eu fazia ao que Deus perdoe (se daquela cabeçada morreu), que, apesar de tudo, embora astuto, por faltar-lhe aquele precioso sentido, não me via. Mas em relação a este, não checi ninguém com melhor vista.

Quando estávamos no ofertório, nenhuma branca caía na bandeja das esmolas, que ele não contasse: ele tinha um olho nas pessoas e o outro nas mi-

nhas mãos. Seus olhos dançavam nas órbitas como se fossem de azougue. Ia contando as brancas que ofereciam e, acabado o ofertório, logo retirava a bandeja de minhas mãos, colocando-a sobre o altar.

Não tive condições de pegar-lhe uma branca durante todo o tempo que com ele vivi ou, melhor dizendo, morri. Da taberna nunca lhe comprei uma branca de vinho; mas aquele pouco da oferenda, que havia guardado na arca, bebia-o compassadamente, de modo que lhe durava toda a semana. Para disfarçar sua grande mesquinhez, dizia-me:

— Olhe, rapaz, os sacerdotes devem ser comidos na comida e na bebida e, por esse motivo, não me excedo, como outros.

Mas o miserável mentia descaradamente, porque nas confrarias e nos enterros, onde íamos rezar, comia à custa dos outros como um lobo e bebia mais que um pau-d'água.

Já que falei de enterros, Deus me perdoe, jamais fui inimigo do gênero humano senão naquela época. Isto porque nessas oportunidades comíamos bem e eu me fartava. Desejava e até rogava a Deus que todos os dias matasse um. Quando ministrávamos os sacramentos aos doentes, principalmente a extrema unção, ao mandar o clérigo rezar a todos os presentes, por certo não era eu o último nas orações e, com todo o meu coração e boa vontade, rogava ao Senhor, não que o jogasse onde melhor lhe conviesse, como se costuma dizer, mas que o levasse deste mundo. Quando algum deles escapava (Deus que me perdoe), por mil vezes pedia que o diabo o carregasse. O que morria recebia de mim outras tantas bênçãos. Porque, durante todo o tempo em que ali estive, talvez seis meses, somente vinte pessoas morreram. Estas acredito firmemente que eu as matei ou, melhor dizendo, partiram por causa dos meus pedidos; porque, vendo o Senhor o meu perigo constante de morrer de fome, penso que aceitava matá-los para me salvar a vida. Mas não achava remédio para me livrar dos males que padecia, porque, se no dia em que enterrávamos alguém eu vivia, nos dias em que não morria ninguém, habituado à fartura, quando era obrigado a voltar à minha fome diária, mais eu sentia. De modo que em nada encontrava descanso, salvo na morte, que também para mim, como para os outros, desejava algumas vezes; mas não a via, embora sempre estivesse em mim.

Pensei muitas vezes em deixar aquele mesquinho amo, mas por dois motivos desistia da idéia: o primeiro, porque não confiava nas minhas pernas, com receio da fraqueza resultante da extrema fome que passava; e o outro, porque pensava e dizia: “Eu tive dois amos: o primeiro trazia-me morto de fome e, deixando-o, topei com este outro, que, de tanta fome que me faz passar, me encaminha à sepultura; pois, se desisto deste e dou com outro pior, que será de mim, senão morrer? Devido a isto, temia mexer-me, porque tinha por fé que só acharia situações piores. A descer mais um ponto, não soaria Lázaro mais, nem seria ouvido no mundo.

Assim, estando em tal aflição, que praza ao Senhor livrar dela todo cristão fiel e, sem saber aconselhar a mim mesmo, vendo-me ir de mal a pior, num dia em que o coitado, mim e miserável do meu amo tinha saído da aldeia, ba-

leu, por acaso, à minha porta um caldeireiro, o qual eu creio que foi um anjo enviado a mim por ordem de Deus, sob aquele disfarce. Perguntou-me se havia alguma coisa para consertar. “Em mim teria muito o que fazer e não faria pouco se me remediasse”, disse tão baixinho, que não me ouviu. Mas como o momento não era para brincadeira, iluminado pelo Espírito Santo, respondi-lhe:

— Tio, perdi uma chave desta arca e tenho medo de que o amo me açoite. Pela sua vida, veja se nessas chaves que o senhor traz aí há alguma que sirva, que eu lhe pagarei.

O caldeireiro enviado pelos céus começou a experimentar, uma após outra, as chaves de um grande molho que trazia, enquanto eu o ajudava com minhas pobres orações. Quando menos esperava, vejo em figura de pães, como se costuma dizer, a cara de Deus dentro da arca; e, aberta, disse-lhe:

— Eu não tenho dinheiro para lhe pagar a chave, mas leve daí o que quiser como pagamento.

Ele tirou um dos pães, o que mais lhe agradou e, entregando-me a chave, retirou-se todo contente, deixando-me mais contente ainda.

Naquele dia, eu não toquei em nada, para que a falta não fosse notada; e também porque, vendo-me senhor de tanta fartura, nem fome senti. O miserável do meu amo voltou e, graças a Deus, não percebeu a falta do pão que o anjo tinha levado.

No dia seguinte, assim que ele saiu de casa, abri o meu paraíso panai, peguei com unhas e dentes um pão, despachei-o em dois credos, não esquecendo de fechar a arca. Muito alegre, comecei a varrer a casa, parecendo-me que, com aquele remédio, remediaría dali em diante a minha desventurada vida.

Assim, com o remédio passei feliz aquele dia e o seguinte também; mas não estava em minha sorte que durasse muito aquele descanso, porque no terceiro dia acabou-se a minha boa vida. Eis que, inesperadamente, vi aquele que me matava de fome debruçado sobre a nossa arca, mexendo e remexendo, contando e recontando os pães. Eu disfarçava e, em silenciosa oração e devoções e súplicas, rogava: “São João, cegue-o!”

Depois de ficar longo tempo fazendo a conta dos dias nos dedos, concluiu:

— Se não acreditasse na segurança desta arca, pensaria que haviam tirado pães daqui, mas, mande hoje em diante, pelo sim pelo não, vou trazê-los bem contados: ficam nove e um pedaço.

“Novas pragas mande Deus para você!” — disse, entre os dentes.

Com aquilo, pareceu-me que uma flecha envenenada atravessava o meu coração e o meu estômago começou a se impacientar devido à fome, sentindo que a dieta passada ia recomeçar. Ele saiu de casa. Para meu consolo, abri a arca e, olhando para o pão, comecei a adorá-lo, sem me atrever a recebê-lo. Conteí todos, na esperança de o miserável ter-se enganado. Achei a conta mais certa do que queria. O mais que pude fazer foi dar neles mil beijos e, com muito cuidado, tirei um pedaço do pão partido, observando a direção do corte. Com aquilo passei todo o dia, não tão alegre como antes.

120

125

130

Mas como a fome aumentasse, principalmente porque o meu estômago estava habituado, naqueles dois ou três dias já referidos, a receber mais, eu morria de dor; tanto que, quando ficava sozinho, não fazia outra coisa a não ser abrir e fechar a arca e nela contemplar a cara de Deus, conforme dizem as crianças. Mas o mesmo Deus, que socorre os aflitos, vendo-me em tal sofrimento, trouxe-me à memória um pequeno remédio, porque, considerando, disse para mim: “Esta arca é velha, grande e furada em algumas partes, com pequenos buracos. Pode-se pensar que ratos entrem nela e roam o pão. Tirar um inteiro não convém, porque dará pela falta quem com tanta falta me faz viver. Isto eu posso suportar”.

Comecei a esmigalhar o pão sobre uma toalha toda ruim, ali posta. Peguei um e deixei outro, de modo que a cada um de três ou quatro esfarelei um pouco. Depois, como quem toma drágea, comi as migalhas um pouco consolado. Mas ele, como viesse jantar, abriu a arca, percebeu o estrago e, sem dúvida alguma, acreditou ser obra de ratos, porque o trabalho estava tão bemfeito como só os ratos sabem fazer. Olhou a arca de ponta a ponta e viu alguns buracos, por onde desconfiou que tinham entrado. Chamou-me, dizendo:

— Lázaro! Olhe, olhe, que maldade fizeram esta noite com nosso pão!

Fingi-me muito admirado, perguntando-lhe quem teria feito aquilo.

— Quem haveria de ser! — disse ele —. Os ratos, que não deixam escapar nada.

Pusemo-nos a comer, e graças a Deus que dessa me saí bem; porque me coube mais pão do que a miséria que me costumava dar. Ele cortou com uma faca toda a parte que pensou ter sido roída pelos ratos, dizendo:

— Coma isso, que o rato é bicho limpo.

Assim, naquele dia, aumentada a ração pelo trabalho das minhas mãos ou, mais precisamente, pelo das minhas unhas, acabamos de comer, embora eu nunca começasse.

Logo fiquei novamente espantado, porque o vi andar preocupado, arrancando pregos das paredes e providenciando pedaços de madeira, com os quais pregou e tapou todos os buracos da velha arca.

“Oh, meu Senhor—disse eu então —, a quanta miséria, desgraça e desastres estamos expostos nós, os vivos! Como são passageiros os prazeres de nossa complicada vida! Eis-me nisto, eu que pensava com este pobre e triste remédio remediar e vencer a minha miséria, considerando-me já tão alegre e feliz! Mas a sorte não quis que fosse assim e, despertando o miserável do meu amo, colocou nele mais cuidado, além do que tinha normalmente; digo isto porque os miseráveis, em sua maioria, são sempre cuidadosos. Ao fechar os buracos da arca, fechava-se a porta do meu consolo e abria-se a dos meus trabalhos”.

Assim me lamentava, enquanto o meu solícito carpinteiro, com muitos pregos e pedaços de madeira, terminou a sua obra, exclamando:

— Agora, senhores ratos traidores, convém mudar de tática, porque nesta casa pouco vão aproveitar.

135

140

Quando saiu de casa, fui ver a obra. Percebi que não deixou na triste e velha arca um buraco por onde pudesse entrar um mosquito. Abri-a com a minha chave, agora inútil, sem a esperança de tirar proveito. Vi os dois ou três pães meio comidos, os que meu amo pensou terem sido roídos pelos ratos, e deles ainda tirei alguma coisa, tocando-os levemente, como fazem os bons esgrimistas. Sendo a necessidade a grande mestra e vendo-me eu sempre com tanta, pensava, dia e noite, numa maneira de me sustentar. Penso que, para achar estes tristes remédios, a fome me inspirava, porque dizem que ela aguçava a inteligência, ao contrário do que se verifica com a fartura, e assim, por certo, acontecia comigo.

Ora, estando uma noite acordado com esta idéia, pensando em como poderia valer-me e aproveitar-me da arca, observei que o meu amo dormia, porque roncava e soprava quando dormia. Levantei-me sem fazer o mínimo barulho e, como durante o dia tinha pensado no que havia de fazer e deixado uma faca velha, que por ali havia, em lugar onde achá-la, fui-me à arca e, verificando por onde era mais vulnerável, ataquei-a à faca, usando esta como se fosse broca. Como a antiquíssima arca, por ter muitos anos, estivesse sem força e coração, mais ainda, sem resistência e carcomida, entregou-se facilmente, consentindo-me fazer para meu remédio, num dos lados, um bom buraco. Feito isto, abri devagarinho a chagada arca e, apalpando, fiz no pão partido o mesmo que já disse antes. Um tanto reconfortado, tomei a fechar a arca e voltei às minhas palhas, onde repousei e dormi um pouco. Porém, eu dormia mal e atribuía a culpa à falta de comida. Acreditava mesmo, porque, naquela época, não eram certamente as preocupações do rei de França que iam me fazer perder o sono.

No dia seguinte, o senhor meu amo, dando com o estrago, tanto no pão como no buraco que eu tinha feito, começou a amaldiçoar os ratos e a dizer:

— Mas que diabo é isto? Nunca vi ratos nesta casa a não ser agora!

Certamente falava a verdade. Porque, se havia casa no reino, que justamente estaria livre deles, com razão havia de ser aquela, pois eles não vivem onde não existe o que comer. Novamente procurou pregos em toda a casa e nas paredes, e pedaços de madeira para tapar os buracos. Quando a noite chegava e a hora de dormir, logo eu me punha de pé com as minhas ferramentas. Quantos buracos ele tapava de dia, eu destapava de noite.

Tudo acontecia com tal rapidez, que poderíamos dizer: “Onde uma porta se fecha, outra se abre”. Finalmente, parecíamos ter a tela de Penélope por empreitada, pois, o que ele tecia de dia, eu desmanchava de noite. Em poucos dias e noites, botamos a pobre despensa em tal estado que, para falar dela com propriedade, não podia chamar-se arca, mas uma velha couraça de outros tempos, tamanha a quantidade de pregos e tachas.

Quando viu que de nada lhe servira o recurso, disse:

— Esta arca está tão maltratada e a madeira tão velha e podre, que não oferece resistência a nenhum rato. De modo que, se continuarmos assim, logo não prestará para nada. O pior é que, embora pouco resolvesse, ainda faria

145

150

falta faltando e me obrigaria a uma despesa de três ou quatro reais. O melhor remédio que encontro para o caso, pois até agora nada consegui, é armar uma ratoeira lá dentro para estes malditos ratos.

Logo consegui uma ratoeira emprestada e, com cascas de queijo, que pedia aos vizinhos, constantemente armava o gato dentro da arca. Isto era de extraordinário proveito para mim, porque, embora eu não precisasse de muitos temperos para comer, regalava-me com as cascas de queijo que eu retirava da ratoeira, sem que com isto perdoasse o pão.

Como achasse o pão roído e o queijo comido e não caísse o rato que o comia, dava-se ao diabo. Perguntava aos vizinhos como é que podia o rato comer o queijo e tirá-lo da ratoeira, sem nela cair e ficar preso, e encontrar-se a armadilha desarmada. Concordaram os vizinhos em que não eram ratos os que causavam aquele estrago, porque, pelo menos uma vez, um ficaria preso. Disse-lhe um vizinho:

— Em sua casa eu me lembro que costumava andar uma cobra e, sem dúvida, deve ser ela. E se explica, pois, como é comprida, pode pegar a isca e, mesmo que a ratoeira a apanhe, não consegue prendê-la, podendo ela sair.

Todos aceitaram bem o que aquele vizinho disse. Meu amo ficou muito alterado, não dormindo mais a sono solto, porque qualquer caruncho da madeira, que fizesse barulho de noite, ele pensava que era a cobra que estava roendo a arca. Logo pulava da cama e, armado com um porrete que deixava à cabeceira, desde que aquilo lhe dissessem, batia na pecadora da arca com muita força, pensando que afugentava a cobra. Acordava os vizinhos com o barulho que fazia e não me deixava dormir. Ia às minhas palhas e remexia-as todas, e a mim também, pensando que ela ia aonde eu estava e enrolava-se em minhas palhas ou em minhas roupas; porque lhe diziam que à noite estes animais, em busca de calor, costumam se meter nos berços das crianças, e até as mordem e são perigosos.

Eu, na maioria das vezes, fingia que dormia e de manhã ele me dizia:

— Esta noite, rapaz, não ouviu nada? Pois andei à procura da cobra e ainda penso que ela vai a sua cama, porque as cobras são muito frias e procuram calor.

— Praza a Deus que não me morda — dizia eu —, porque tenho muito medo.

Por esse motivo, ele andava tão tenso e com o sono tão leve que, por minha fé, a cobra (ou cobrão, melhor dito) não ousava roer nada de noite, nem tocar na arca; mas durante o dia, enquanto ele estava na igreja ou pelo pátio, realizava meus assaltos. Ele, vendo os prejuízos e procurando evitá-los, andava de noite, como disse, como um fantasma.

Tive medo de que, com aquelas providências, ele desse com a chave que eu tinha escondida debaixo das palhas. Pareceu-me mais seguro metê-la na boca durante a noite. Porque, desde o tempo em que vivera com o cego, tinha-a feito bolsa, de tal maneira que me aconteceu esconder nela doze ou quinze maravedis, todos em meias brancas, sem que me atrapalhassem para comer, pois, de outra ma-

neira, não era dono de uma branca sem que o cego desse por ela, que não havia costura nem remendo na minha roupa onde ele não procurasse com frequência.

Pois, como eu disse, metia todas as noites a chave na boca. Dormia, sem receio de que o bruxo do meu amo desse com ela; mas, quando a desgraça tem que acontecer, de nada servem as cautelas. Quis minha triste sina (ou melhor dizendo, os meus pecados) que numa noite, em que talvez eu dormisse com a boca aberta, a chave se pusesse entre os meus lábios e tomasse tal posição que, o ar da minha respiração, entrando pelo canudo dela, produzia um assobio, para minha má sorte, com tanta força, que o meu amo, sobressaltado, ouviu e pensou que era o silvo da cobra, que, por certo, devia ser parecido.

Levantou-se pé ante pé, com seu porrete na mão, apalpando e guiando-se pelo barulho da cobra. Aproximou-se de mim em absoluto silêncio, para não ser notado pela cobra. Quando estava perto, julgou que ali, entre as palhas onde eu estava deitado, ela tinha vindo em busca do meu calor. Levantando bem alto o porrete, pensando tê-la ao alcance e dar-lhe tal paulada que a matasse, com toda a sua força me descarregou na cabeça um grande golpe, que me deixou sem sentidos e todo escalavrado.

Quando percebeu que tinha me atingido, porque eu devia demonstrar muita dor por causa da violenta paulada, contava ele que se aproximara e, chamando-me em voz alta, procurava me despertar. Mas, ao tocar-me com as mãos, sentiu a grande quantidade de sangue que eu perdia e viu, então, o dano que tinha me causado. Com muita pressa foi buscar luz e, ao voltar, encontrou-me chorando, ainda com a metade de chave dentro, pois nunca dela me separei, e a outra metade fora da boca, na mesma posição em que devia estar quando assobiava.

Surpreso, o matador de cobras, perguntando a si próprio que chave seria aquela, olhou-a e, tirando-a da minha boca, percebeu o que era, porque os dentes daquela chave não eram diferentes dos da sua. Foi logo experimentá-la na arca e descobriu a safadeza. O cruel caçador deve ter dito: “Achei o rato e a cobra que me guerreavam e devoravam os meus bens”.

Do que aconteceu nos três dias que se seguiram não darei nenhuma notícia, porque os passei no ventre da baleia, mas sim de como, quando voltei a mim, ouvi do meu amo isto que narrei, já que ele o contava em detalhes a todos os que ali vinham.

Depois do terceiro dia, recuperei totalmente os sentidos e me encontrei deitado nas minhas palhas, com a cabeça toda enfaixada e cheia de óleos e unguentos, e perguntei muito espantado:

— Que aconteceu?

O cruel sacerdote me respondeu:

— Finalmente apanhei os ratos e a cobra que me destruíam.

Olhei para mim e me achei tão maltratado, que logo suspeitei o que tinha me acontecido.

A esta altura entrou uma velha que curava com rezas, seguida de alguns vizinhos, e começaram a tirar os trapos da minha cabeça e a curar a ferida. Quando viram que eu tinha voltado aos sentidos, ficaram contentes e disseram:

160

165

170

— Pois voltou a si, tomara Deus que não seja nada.

Tornaram a contar as minhas dores e a rir delas e eu, pecador, a chorá-las. Com tudo isto, deram-me de comer apenas o necessário, porque eu estava transido de fome. Assim, pouco a pouco, depois de quinze dias, levantei e fiquei fora de perigo (mas não sem fome) e meio curado.

No dia seguinte, o senhor meu amo pegou-me por um braço e pôs-me fora da casa e, quando eu já estava na rua, disse-me:

— Lázaro, de hoje em diante você está livre de mim. Procure outro amo e vá com Deus, que eu não quero mais em minha companhia tão diligente criado. Não é possível que não tenha sido outra coisa que guia de cego.

E, benzendo-se de mim, como se eu estivesse com o diabo no corpo, entrou e fechou a porta na minha cara.

175

Tratado Terceiro

De como Lázaro se pôs a serviço de um escudeiro e o que lhe aconteceu

Desto maneira, fui obrigado a tirar forças da minha fraqueza e, pouco a pouco, com a ajuda de pessoas bondosas, encontrei-me na cidade de Toledo, onde, com a graça de Deus, passando quinze dias fechou minha ferida. Enquanto estive doente, sempre me davam alguma esmola, mas, depois que fiquei bom, todos me diziam:

— Você é um velhaco e preguiçoso. Procure, procure um amo para servir.

— Onde estará ele — perguntava-me eu —, se Deus não o fizer agora do nada, como fez o mundo?

Andando eu assim, de porta em porta, com muito pouco resultado, porque a caridade já voou ao céu, fez-me Deus topar com um escudeiro que ia pela rua com razoável trajar, bem penteado, com passo vagaroso e compassado. Olhou-me, e eu a ele, e disse-me:

— Rapaz, procura amo?

Eu disse-lhe:

— Sim, senhor.

— Pois siga-me — respondeu-me —, que Deus lhe concedeu o favor de me encontrar; hoje rezou alguma boa oração.

Segui-o, dando graças a Deus pelo que ouvi, e também porque me pareceu, por sua roupa e pela aparência, ser aquele de quem eu precisava.

Era de manhã, quando encontrei este meu terceiro amo. Levou-me atrás de si por grande parte da cidade. Passávamos pelas praças onde se vendiam pão e outras provisões. Eu pensava e ainda desejava que ele quisesse me carregar com o que ali se vendia, porque aquela era a hora adequada em que se costuma prover do necessário; mas passava com longos passos por todas essas coisas. “Porventura, não vê aqui nada que lhe agrade — dizia eu — e quererá fazer as compras noutra parte?”.

Deste modo, andamos até que bateram as onze. Então entrou na cate-

180

dral, e eu fui atrás dele, e, muito devotamente, vi-o ouvir a missa e os demais ofícios divinos, até que tudo acabou e as pessoas foram embora. Então saímos da igreja.

A bom e largo passo, começamos a descer uma rua. Eu ia com a maior alegria do mundo, por ver que não nos havíamos ocupado em procurar comida. Imaginei que o meu novo amo devia ser homem que se provia por atacado e que a comida já estaria pronta, tal como eu a desejava e dela, ainda, tinha necessidade.

Nesse momento bateu a uma no relógio, depois do meio-dia, e chegamos a uma casa onde meu amo parou e eu também. Deixando cair a ponta da capa sobre o lado esquerdo, tirou a chave da manga e abriu a porta e entramos em casa. A entrada era de tal forma escura e lóbrega, que dava medo a quem ali entrava, embora lá dentro houvesse um pátio pequeno e razoáveis quartos.

Assim que entramos, ele tirou a capa dos ombros e, perguntando se eu tinha as mãos limpas, sacudimo-la e a dobramos e, com todo o cuidado, soprando um banco de pedra que ali havia, colocou-a em cima dele. Feito isto, sentou-se ao lado da capa e começou a perguntar-me detalhes de minha pessoa, de onde eu era e como tinha vindo àquela cidade. Dei-lhe mais satisfação do que desejava, porque achava que eram horas mais convenientes para mandar pôr a mesa e deitar o caldo, do que para fazer o que ele me pedia. Com tudo isto, dei-lhe todas as informações sobre a minha pessoa, mentindo o melhor que sabia. Falei das minhas qualidades, escondendo o resto, porque me pareceu que não vinha a propósito.

Isto feito, esteve assim um pouco e logo achei mau sinal, por já serem quase as duas e não ver nele mais ânimo de comer do que num morto. Depois disto, considerava o fato de ele ter a porta fechada à chave e de não se ouvirem passos de alma viva na parte de cima nem de baixo da casa. Tudo o que eu havia visto eram paredes. Não havia nenhuma cadeira, nem mocho, nem banco, nem mesa, nem sequer uma arca como a de outrora. Em síntese, aquela casa parecia encantada. Estando assim, disse-me:

— Você, moço, já comeu?

— Não, senhor — respondi eu — porque ainda não eram oito horas, quando me encontrei com Vossa Mercê.

— Pois, embora fosse pela manhã, eu já havia almoçado e, quando assim como alguma coisa, quero que saiba que desse jeito fico até a noite. Por isso, passe como puder, que depois jantaremos.

Acredite Vossa Mercê que, quando ouvi isto, quase me desesperiei, não tanto de fome, mas por ver que a sorte era para mim totalmente adversa. Naquele momento, lembrei-me de todas as minhas canseiras e voltei a chorar por minhas dificuldades. Ali considerei todos os raciocínios que fazia, quando pensava deixar o clérigo dizendo que, embora aquele fosse desgraçado e miserável, talvez topasse com outro pior. Como conseqüência, finalmente, ali chorei minha sofrida vida passada e a minha, já próxima, futura morte. Contudo, disfarçando o melhor que pude, disse:

— Senhor, sou moço e não me preocupo muito em comer, bendito seja Deus. Disto posso me gabar de ser, entre os iguais a mim, moderado, e por essa razão fui até hoje louvado pelos amos a quem servi.

— Isso é virtude — observou ele —, e por isso mais lhe estimarei; porque o faltar-se é para os porcos e o comer moderadamente é para os homens de bem.

“Entendi você muito bem! — disse comigo mesmo —. Maldito tanto remédio e bondade que estes meus amos, por mim achados, acham na fome!”

Fui sentar-me a um canto da porta e tirei do peito uns pedaços de pão, que me restavam das esmolas. Quando ele viu isto, disse-me:

— Venha aqui, moço. Que come?

Aproximei-me e lhe mostrei o pão. Tirou o maior e melhor pedaço dos três que eu tinha. E disse-me:

— Pela minha vida, este pão parece ser bom!

— E como é bom, senhor! — disse-lhe.

— Sim, realmente — ele disse —. Onde o conseguiu? Foi amassado por mãos limpas?

— Isso eu não sei — disse-lhe —, mas eu não sinto nojo dele.

— Assim praza a Deus — disse o pobre do meu amo.

E, levando-o à boca, começou a dar no pão dentadas tão fortes como eu no outro pedaço.

— Meu Deus, que pão gostoso! — disse ele.

Como notei o rumo que levava, apressei-me, pois ele demonstrava disposição, se acabasse antes que eu, de ajudar-me a comer o resto. Assim, acabamos quase ao mesmo tempo. O meu amo começou a sacudir com as mãos algumas migalhas, bem miúdas, que lhe tinham caído no peito. Entrou num quartinho próximo e pegou um jarro velho e desbeichoado e, depois de beber, convidou-me a fazer o mesmo. Eu, por me fazer de rogado, disse:

— Senhor, não bebo vinho.

— É água — respondeu-me —; pode beber à vontade.

Então, peguei o jarro e bebi. Não bebi muito, porque não era a sede o que me perturbava.

Estivemos assim até anoitecer, falando de coisas que me perguntava, às quais eu respondia o melhor que sabia. Então, fez-me entrar no quarto onde estava o jarro de que bebêramos, e disse-me:

— Moço, fique ali, veja como fazemos esta cama, para que saiba prepará-la a partir de hoje.

Coloquei-me de um lado e ele do outro e fizemos a maldita cama, não havendo muito a fazer, porque sobre uns bancos havia uma esteira de bambu, sobre a qual havia uma espécie de colchão bastante sujo e com menos lã do que o necessário e que, mesmo assim, era usado. Estende-mo-lo com a preocupação de afotá-lo, sendo isto impossível, já que do duro não se pode fazer o macio. O diabo do colchão tão pouca coisa tinha dentro, que, colocado sobre a esteira, os bambus ficavam todos salientes, que mais pareciam as costelas de um porco muito magro. Sobre aquele

200

205

faminto colchão, uma manta no mesmo estilo, cuja cor não consegui saber.

Feita a cama e chegada a noite, disse-me:

— Lázaro, já é tarde e daqui à praça há uma grande caminhada. Também, nesta cidade andam muitos ladrões que, à noite, roubam as capas das pessoas. Passemos a noite como pudermos e amanhã, à luz do dia, Deus proverá tudo, porque eu, como vivo só, não tenho nada em casa e estes dias tenho comido fora. Mas agora vamos fazer de modo diferente.

— Senhor — disse eu — nenhuma pena de mim tenha Vossa Mercê, porque posso passar uma noite ou mais ainda, se necessário, sem comer.

— Viverá mais e melhor — respondeu-me. Porque, como dizíamos, hoje, não há nada no mundo melhor para viver muito do que comer pouco.

“Se esse é o caminho — disse comigo — eu nunca vou morrer, pois sempre fui forçado a guardar essa regra. Acredito ainda que, nesta minha infelicidade, vou tê-la sempre como companheira”.

Deitou-se na cama, fazendo das calças e do gibão travesseiro. Mandou-me deitar a seus pés, o que eu fiz. Mas maldito o sono que dormi, porque os bambus e os meus salientes ossos não pararam de brigar e de se atíçarem, já que com os meus trabalhos, fomes e sofrimentos, acho que, no meu corpo, só tinha ossos. Como naquele dia eu não tinha comido nada, estava louco de fome, a qual não se dava bem com o sono. Maldisse mil vezes a mim mesmo e a minha má sorte (Deus que me perdoe) durante quase toda a noite; e, pior ainda, não ousando me virar, para não acordar meu amo, pedi a Deus, muitas vezes, que me matasse.

Na manhã seguinte, levantamo-nos e ele começa a limpar e a sacudir suas calças e gibão e saio e capa. E eu que lhe servia de criado. Veste-se com cuidado e devagar. Derramei-lhe água nas mãos, penteou-se e pôs a espada no talabarte e, enquanto a arrumava, disse-me:

— Oh, se soubesse, moço, que arma é esta! Nem por todo o ouro do mundo, desfaço-me dela. Em nenhuma, de todas as que Antônio fez, conseguiu temperar o aço como nesta.

Tirou-a da bainha e testou-lhe o fio com os dedos, dizendo:

— Vê aqui? Sou capaz de cortar lã com ela.

Eu disse comigo mesmo: “E eu com os dentes, embora não sejam de aço, um pão de quatro libras”.

Tomou a enfiá-la na bainha, apertou o cinturão e pendurou do talabarte uma sarta de contas grossas. A passo lento e corpo aprumado, fazendo com ele e com a cabeça delicados movimentos, jogando a ponta da capa sobre um ombro e, às vezes, sob o braço, e com a mão direita na cintura, saiu pela porta, dizendo:

— Lázaro, cuide da casa enquanto vou à missa, e arrume a cama e vá buscar um jarro de água no rio, que corre ali abaixo. Feche a porta à chave, para que não nos roubem alguma coisa, e esconda-a junto à porta, para que eu possa entrar, se chegar antes.

215

220

225

E vai pela rua acima, com tão gentil aspecto e aparência, que quem não o conhecesse pensaria ser um parente próximo do Conde de Arcos ou, pelo menos, o camareiro que o ajudava a vestir-se.

“Bendito seja, Senhor — fiquei eu dizendo —, que dá a doença e também o remédio! Quem encontrará aquele meu amo que não pense, pelo que aparenta, que ontem à noite jantou bem e dormiu em boa cama e, apesar de ainda ser de manhã, não julgue que vai muito bem almoçado? Grandes são, Senhor, os seus mistérios que as pessoas ignoram! A quem não enganarão aquela boa disposição e o razoável aspecto da capa e do saio? Quem irá pensar que o gentil homem passou ontem todo o dia sem comer, apenas com aquele pedaço de pão que o seu criado Lázaro trouxe, um dia e uma noite, na arca do peito, onde não devia ter ficado muito limpo; e hoje, depois de lavar as mãos e o rosto, à falta de toalha, enxugou-se com a fralda do saio? Com certeza, ninguém imaginaria. Oh, Senhor, e quantos como este deve ter espalhados pelo mundo, que padecem por essa maldita honra o que não seriam capazes de sofrer pelo Senhor!”

Assim eu fiquei à porta, olhando e considerando estas e muitas outras coisas, até que o senhor meu amo percorreu a comprida e estreita rua. Como o vi desaparecer, tomei a entrar e em menos de um credo percorri toda a casa, de alto a baixo, sem me deter em coisa nenhuma nem achar em que o fazer. Arrumei a negra dura cama, peguei o jarro e fui ao rio, onde, numa horta, vi meu amo em grande conversa com duas mulheres embuçadas, ao que parecia das que naquele lugar não faziam falta. Mas, pelo contrário, muitas delas até têm por hábito ir, nas manhãzinhas de verão, refrescar-se e almoçar por aquelas frescas margens, sem nada levar, confiantes em que não há de faltar quem lhes ofereça o que comer, como costumam fazer os fidalgos do lugar.

Como ia dizendo, ele estava no meio delas, feito um Macias, dizendo-lhes mais galanteios do que todos os que Ovídio escreveu. Mas, ao perceberem que ele estava todo derretido, não tiveram vergonha de pedir que lhes desse almoço, em troca da costumeira recompensa. Ele, que tinha tanto frio no bolso como calor no estômago, sentiu um arrepio tão grande, que perdeu até a cor do rosto. Começou a enrolar a conversa e a dar desculpas esfarrapadas. Elas, que deviam ser muito sabidas, assim que perceberam a doença, deixaram-no no que ele era.

Eu, que estava comendo uns talos de couve galega, com os quais quebrei o jejum, muito inteligentemente — como moço que era — sem ser visto pelo meu amo, voltei para casa. Pensei em varrer uma parte dela, que era necessário, mas não encontrei com quê. Pus-me a pensar no que deveria providenciar. Pareceu-me que o melhor seria esperar pelo meu amo até o meio-dia, se, por via das dúvidas, ele viesse trazendo alguma coisa para comermos; mas tudo foi em vão.

Quando vi que eram duas horas e ele não chegava, e como estava com muita fome, fechei a porta e pus a chave onde ele tinha dito que a deixasse e voltei ao meu officio. Com voz baixa e doente e as mãos sobre o peito, os olhos postos em Deus e o seu nome na boca, comecei a pedir pão pelas portas e pelas casas que me pareciam mais ricas. Mas como este officio eu o tinha mamado no leite (quero dizer.

que o tinha aprendido com o meu grande mestre, o cego), saí tão bom discípulo que, apesar de nesta terra não haver caridade, nem o ano ter sido muito abundante, usei de tanta habilidade que, antes que o relógio batesse as quatro horas, eu já tinha outras tantas libras de pão guardadas no corpo e mais outras duas nas mangas e no peito. Retomei a casa e, ao passar por onde vendem tripas, pedi esmola a uma daquelas mulheres. Ela deu-me um pedaço de pata de vaca e algumas tripas cozidas.

Quando cheguei em casa, já o bom do meu amo lá estava, dobrada a sua capa e colocada no banco, e passeava pelo pátio. Assim que entrei, avançou para mim. Pensei que queria ralar comigo por causa do atraso, mas Deus não quis assim. Perguntou-me de onde vinha. Eu lhe disse:

— Senhor, estive aqui até baterem as duas. Quando vi que Vossa Mercê não chegava, fui por essa cidade pedir ajuda às boas pessoas e deram-me isto que o senhor vê.

Mostrei-lhe o pão e as tripas, que trazia enroladas numa ponta da fralda da camisa e, ao vê-los, mostrou boa cara e disse:

— Pois esperei você para comer e, vendo que demorava, comi. Mas você nisso procede como homem de bem, que mais vale pedir por Deus do que furtar. Assim, Deus me ajude, pois isso me parece bem, mas só lhe peço que não diga que vive comigo, por causa da minha honra. Embora eu creia realmente que isto ficará em segredo, porque sou muito pouco conhecido nesta terra. Nunca a ela eu tivesse vindo!

— Não se preocupe com isso, senhor — respondi eu —, porque ninguém tem que me pedir explicações, nem eu dá-las.

— Agora, pois, coma, pecador, porque, se Deus quiser, em breve estaremos livres de necessidades. Embora lhe diga que, desde que entrei nesta casa, nunca mais tive sorte. Deve ser mal-assombrada, pois há casas desgraçadas e de mau agouro, que transmitem a desgraça a quem nelas vive. Esta deve ser, sem dúvida, uma delas; porém, eu prometo que, terminado o mês, não fico nela, ainda que me seja dada de presente.

Sentei-me à beira do banco de pedra e, para que não me tomasse por guloso, não falei nada sobre a merenda. Comecei a jantar e a mastigar as tripas e o pão e, disfarçadamente, eu olhava para o meu pobre amo, que não tirava os olhos das fraldas da minha camisa, que, naquela ocasião, me serviam de prato. Que Deus tenha tanta pena de mim como eu tinha dele, porque muitas vezes havia passado, e passava ainda, por semelhante situação. Pensava se ficaria bem convidá-lo; mas, como dissera que havia comido, temia que não aceitasse o convite. Enfim eu desejava que aquele pecador se ajudasse com o meu trabalho e matasse a fome, como fizera no dia anterior, porque era melhor a comida e menor a minha fome.

Quis Deus satisfazer o meu desejo, e creio que também o seu próprio, porque, assim que comecei a comer, o meu amo que andava de um lado a outro, aproximou-se de mim e disse:

— Lázaro, você tem uma maneira tão delicada de comer, como nunca vi em toda a minha vida. E ninguém verá você comer que não fique com vontade, embora não sinta fome.

“A muito grande que você tem — pensei eu — faz com que ache a minha bonita”.

Mesmo assim, pareceu-me que deveria ajudá-lo, porque ele se ajudava e abria caminho para mim, e disse-lhe:

— Senhor, o bom instrumento faz o bom artífice. Este pão está saborosíssimo e esta pata de vaca tão bem cozida e temperada, que abre o apetite de qualquer pessoa. 245

— É pata de vaca?

— É, sim senhor.

— Digo-lhe que é a melhor carne do mundo e, para mim, não há faisão que a ela se compare no paladar.

— Pois prove, senhor, e verá como está.

Pus a pata de vaca em suas mãos e três ou quatro pedaços de pão, dos mais brancos. Sentou-se ao meu lado e começou a comer cheio de vontade, roendo cada um dos ossinhos melhor do que faria um galgo. 250

— Com molho de azeite, alho e queijo — disse — é bom demais.

“O melhor molho é a fome que você tem” — eu pensei.

— Por Deus, que comi esta pata de vaca como se hoje ainda não tivesse comido nada.

“Assim a minha sorte seja tão grande como isso é verdade!” — disse para mim mesmo.

Pedi-me o jarro da água e eu o alcancei tão cheio como o tinha trazido do rio; é sinal de que, se ao meu amo não lhe faltava água, também não lhe havia sobrado comida. Bebemos e, muito contentes, fomos dormir, como na noite anterior. 255

E, para evitar certos detalhes, assim convivemos oito ou dez dias, indo o infeliz pela manhã satisfeito e com andar solene a papar o ar das ruas, tendo no pobre Lázaro aquele que esmolava para ele.

Contemplava eu, muitas vezes, a minha falta de sorte, dado que, deixando os maus amos anteriores e procurando melhorar, viesse a topiar com quem não só não me sustentava como a quem eu devia sustentar. Apesar disso, eu gostava dele, vendo que nada possuía e nada podia, antes tendo pena dele do que inimizade. Muitas vezes, a fim de levar para casa com que ele passasse bem, eu passava mal. A propósito certa manhã, levantando-se o desgraçado em mangas de camisa, foi ao piso superior fazer suas necessidades. Enquanto isso, eu, para sair da dúvida, revistei-lhe o gibão e as calças, que tinham ficado na cabeceira da cama. Encontrei uma bolsinha de veludo, dobrada mais de cem vezes e sem uma única maldita moeda, nem sinal de que tivesse tido alguma por muito tempo.

“Este — pensava eu — é pobre, e ninguém dá o que não tem. Já o avarento cego e o maldito e mesquinho clérigo me matavam de fome, mesmo recebendo ambos tudo de Deus, um de mão beijada e o outro de língua solta. É justo que àqueles não amasse e que deste tenha pena.”

Deus é testemunha de que, hoje em dia, quando encontro com alguém com aquele passo e pompa, sinto pena, lembrando-me de que talvez sofra como aquele meu amo que vi sofrer. A quem, apesar de toda a sua pobreza, eu

gostava mais de servir do que aos outros, conforme já disse. Só tinha dele um pouco de descontentamento, teria preferido que não fosse tão presunçoso e que diminuísse sua fantasia, na mesma proporção em que sua necessidade aumentava. Mas, segundo me parece, esta é uma regra já usada e observada entre eles. Embora não tenham um vintém, fazem questão do barrete no seu lugar. Que o Senhor os ajude, já que com esta doença morrerão.

Pois, estando em tal situação, levando tal vida, quis minha má sorte, ainda não satisfeita de perseguir-me, que mesmo aquela vida dura e vergonhosa não durasse. Como o ano, nessa terra, fosse de pouca colheita, a Municipalidade decidiu expulsar da cidade os forasteiros pobres, com a sentença de que todos os que daí em diante fossem encontrados fossem punidos com açoites. Assim, em cumprimento da lei, quatro dias depois do pregão, vi uma grande procissão de pobres sendo levados a chicote pelas Quatro Ruas. Fiquei com tanto medo, que não mais ousei esmolar.

Quem pudesse ver, aqui veria a abstinência da minha casa e a tristeza e o silêncio dos seus moradores, tanto que nos aconteceu ficarmos dois ou três dias sem comer nada, nem dizer uma palavra. Quem me salvou a vida foram umas mulherzinhas fiandeiras de algodão, que faziam barretes e viviam ao nosso lado, com que, além de vizinhar, mantive boas relações. Da miséria que ganhavam me davam alguma coisinha, com que eu ia levando a vida.

Eu não sentia tanta pena de mim como do meu desgraçado amo, que em oito dias nada comera. Ao menos em casa, sei que nada comemos, mas não posso saber por onde andava nem o que por lá comia. E vê-lo vir ao meio-dia, rua abaixo, com o corpo reto, mais esticado que o de um galgo de raça! No que diz respeito a sua maldita honra, pegava uma palha, das que não havia muitas em casa, e ia à porta da rua palitar os dentes, que nada tinham entre eles, e queixava-se sempre daquela casa mal-assombrada, dizendo:

— Não há dúvida de que é tudo por causa desta casa. Como você vê é úmida, triste e escura. Enquanto aqui estivermos, haveremos de sofrer. Não vejo a hora de que passe este mês para deixá-la.

Pois, estando nós nesta aflitiva e esfaimada perseguição, um dia, não sei por que sorte ou acaso, caiu no pobre poder do meu amo um real. Com o qual ele entrou em casa tão contente, que até parecia possuir o tesouro de Veneza. Com uma cara muito satisfeita e risonha, entregou-me a moeda, dizendo:

— Tome, Lázaro, que Deus já nos estende a mão. Vá à praça e compre pão e vinho e carne. Matemos quem nos quer matar! Também quero que saiba, para que fique contente, que já aluguei outra casa e não ficaremos nesta desventurada senão até o fim do mês. Maldita seja ela e quem nela colocou a primeira telha, porque em má hora nela entrei! Por Nosso Senhor, desde que aqui vivo, nunca mais provei uma gota de vinho nem um pedaço de carne, nem mais descanso tive, tal aspecto e tal escuridão e tristeza ela tem! Vá e volte depressa, para comermos hoje que nem condos.

Peguei o dinheiro e o jarro e, com pressa, comecei a subir a rua, dirigindo-me à praça, bastante satisfeito e alegre. Mas de que adiantava, se está escrito no

meu destino que nenhuma alegria me venha que não esteja acompanhada por desgraça? Assim aconteceu. Pois, indo eu rua acima, fazendo minhas contas em que empregaria o dinheiro, para que fosse melhor e mais aproveitado, dando infinitas graças a Deus por ter feito com que o meu amo tivesse dinheiro, de repente, vejo vir em minha direção um morto, que muitos clérigos e outras pessoas traziam numa padiola, rua abaixo. Encostei-me à parede, para lhes dar passagem. Quando o corpo passou, vinha junto à padiola uma mulher coberta de luto, que devia ser a viúva do defunto, junto com outras mulheres, e que, chorando aos gritos, dizia:

— Meu marido e senhor, para onde o levam? Para a casa triste e desgraçada, para a casa úmida e sombria, para a casa onde nunca se come nem se bebe!

Quando ouvi aquilo, caiu-me a alma aos pés e pensei: “Ai, pobre de mim! É para a minha casa que vão levar este morto”.

Deixei o caminho por onde eu ia e atravessei pelo meio da gente e voltei rua abaixo, correndo o mais que podia, em direção a casa. Entrando nela, fechei a porta a toda pressa, pedindo o auxílio e proteção do meu amo, abraçando-me nele, para que viesse me ajudar a defender a entrada. Ele, um tanto alterado, pensando que fosse outra coisa, disse-me:

— Que é isso, rapaz? Por que grita? Que você tem? Por que fecha a porta com tanta fúria?

— Oh, senhor — disse eu —, ajude aqui, que trazem um morto para a nossa casa!

— Como assim? — respondeu ele.

— Encontrei-o ali em cima e a mulher dele dizia: “Meu marido e senhor, para onde o levam? Para a casa triste e desgraçada, para a casa úmida e sombria, para a casa onde nunca se come nem se bebe!” Só pode ser para cá que trazem o defunto, senhor!

Certamente quando meu amo ouviu isto, apesar de não ter muitas razões para estar alegre, riu tanto que, por muito tempo, não pôde falar. Entretanto, eu tinha trancado a porta e a pressionava com o ombro para maior segurança. As pessoas passaram carregando o seu morto e eu ainda temia que viessem trazê-lo à nossa casa. Quando estava mais farto de rir do que de comer, disse o bom do meu amo:

— É verdade, Lázaro; pelo que a viúva dizia, você teve razão em pensar o que pensou. Visto que Deus resolveu as coisas de outra maneira e já passaram, abra, abra e vá procurar o que comer.

— Deixe, senhor, que eles acabem de passar pela rua — pedi.

Por fim, o meu amo veio à porta da rua e abriu-a, animando-me, pois era preciso devido ao susto e à perturbação, e tomou a me encaminhar. Mas, apesar de naquele dia termos comido bem, nem deu para eu sentir o gosto. Durante três dias não voltei à cor normal do rosto. Meu amo ria muito, todas as vezes que se lembrava do que se passara comigo.

Desta maneira estive com o meu terceiro e pobre amo, que foi este escudeiro, vários dias, sempre querendo saber o motivo de sua vinda e estada nesta terra. Porque, desde o primeiro dia em que me assentei com ele, percebi ser fo-

270

275

rasteiro, pelo pouco conhecimento e relações que tinha com os naturais da cidade. Finalmente o meu desejo foi satisfeito. Fiquei sabendo o que queria. Porque, num dia em que tínhamos comido razoavelmente e estava um pouco alegre, contou-me a sua história, dizendo-me ser de Castela a Velha, e que havia deixado sua terra só para não tirar o barrete perante um cavalheiro, seu vizinho.

— Senhor—disse-lhe eu —, se ele era o que o senhor diz e ele possuía mais, o senhor não errou em não o cumprimentar primeiro, já que diz que ele também o cumprimentava?

280

— Ele era o que eu disse e possuía muito. Também me cumprimentava, mas eu o cumprimentei primeiro tantas vezes, que não lhe custava nada dispor-se, ao menos uma vez, a cumprimentar-me antes.

— Senhor, parece-me — disse eu — que, se fosse comigo, não pensaria nisso, principalmente com pessoas superiores a mim e que possuíssem mais do que eu.

— Você é jovem — respondeu-me — e não percebe o mérito da honra que, hoje em dia, é toda a fortuna dos homens de bem. Pois digo-lhe que eu sou, como sabe, um escudeiro. Mas, por Deus lhe asseguro que, se encontro na rua um conde e não me cumprimenta como deve ser, na próxima vez que o vir, procurarei entrar numa casa, fingindo que foi por negócio, ou meter-me noutra rua, se for possível, antes que ele se aproxime, para evitar ter de cumprimentá-lo. Porque um fidalgo não deve nada a ninguém a não ser a Deus e ao rei, nem é justo, sendo homem de bem, que se descuide um só momento de ter em grande conta a sua pessoa. Lembro-me de que, uma vez, desonrei na minha terra um artesão. Quis bater-lhe, porque todas as vezes que o encontrava me dizia: “Que Deus mantenha Vossa Mercê”. “O senhor, seu vilão ruim — disse-lhe eu — por que não sabe ser bem-educado? “Deus mantenha Vossa Mercê” o senhor tem que dizer, como se eu fosse um qualquer?” Desde aquele dia, passou a me cumprimentar à distância e a falar como devia.

— Não é boa maneira de um homem cumprimentar outro homem — observei eu — dizer-lhe que Deus o mantenha?

— Olhe, seu desgraçado! — respondeu ele —.Esse cumprimento é para homens de baixa condição, mas aos de categoria superior, como eu, não se lhes pode dizer menos que: “Beijo as mãos de Vossa Mercê” ou, pelo menos, “Beijo, senhor, as suas mãos”, se quem cumprimenta for um cavalheiro. Assim, referindo-me àquele da minha terra, que me acusava de ser mantido, nunca mais consenti, nem consentirei a nenhum homem do mundo, do rei para baixo, que me diga “Deus mantenha Vossa Mercê”.

285

“Pobre de mim—pensei eu —, porisso Deus tem tão pouco cuidado em manter você, visto que você não admite que ninguém lhe peça que o guarde.”

— Sobretudo — disse ele — porque não sou tão pobre que não tenha na minha terra um solar de casas que, se estivessem em pé e em bom estado, a dezesseis léguas do lugar em que nasci, naquela Costanilha de Valhadoli, valeriam mais de duzentos mil maravedis, porque seriam grandes e boas. Tenho um pomal que, se não tivesse caído como caiu, daria por ano mais de duzentos filhotes.

E outras coisas de que não vale a pena falar e que deixei por questões de honra. Vim para esta cidade pensando que encontraria aqui melhores condições, mas não aconteceu como eu esperava. Cônegos e dignitários da igreja encontro muitos, mas é gente tão bitolada que nada no mundo poderia tirá-los de sua limitação. Cavalheiros de meia-tigela também me solicitam, mas dá muito trabalho servi-los como escudeiro. Porque é preciso virar coringa e, senão, dizem: “Vá com Deus”. Geralmente, os salários são pagos atrasados e o mais certo é que trabalhe apenas em troca de comida. Já quando querem ficar em paz com sua consciência e pagar o nosso suor, chamam-nos à antecâmara e oferecem-nos um suado gibão, ou uma capa ou um saio surrados. Até quando um homem se põe a serviço de um senhor de título, também passa necessidades. Mas, porventura, não terei eu aptidões para servir e contentar a um desses? Por Deus, se topasse com um, penso que cativaria a sua maior confiança e que lhe prestaria mil serviços. Porque eu saberia mentir-lhe tão bem como qualquer outro e agradá-lo às mil maravilhas. Haveria de rir muito com as suas graças e hábitos, ainda que nada valessem. Nunca lhe diria palavra que o desgostasse, mesmo que fosse necessário para seu bem; seria muito diligente na sua presença, em palavras e atos. Não me mataria em fazer bem aquilo que ele não visse. Eu ralharia com os criados, onde pudesse ouvir-me, para que ele pensasse que eu zelava por seus interesses. Se ele repreendesse algum criado, eu aticaria a sua ira com agudas alfinetadas, que parecessem em favor do culpado. Falaria bem do que para ele estivesse bem e, ao contrário, seria malicioso, mofador; e delataria as pessoas da casa e os de fora dela. Bisbilhotaria e procuraria saber da vida alheia, para lhe contar tudo, e teria muitos outros dotes semelhantes, que atualmente se usam nos palácios e que muito agradam aos senhores. Eles não querem ver em suas casas homens virtuosos, pelo contrário, detestam-nos e os menosprezam. Chamam-nos de tolos e dizem que não são pessoas de negócios, nem merecem a confiança do senhor. É assim que, hoje em dia, procedem os astutos, conforme digo, como eu procederia no lugar deles; mas não quer a minha sorte que tope com um desses senhores.

Desta maneira também lamentava o meu amo a sua desventura, prestando-me contas da sua valorosa pessoa.

Pois, estando ele nisto, entraram pela porta um homem e uma velha. O homem pediu-lhe que pagasse o aluguel da casa e a velha o da cama. Fizeram as contas e, pelos cálculos de dois meses, chegaram à soma que ele não obteria em um ano. Julgo que eram doze ou treze reais. Ele deu-lhes uma boa resposta: que precisava ir à praça trocar uma moeda de dois castelhanos de ouro e que voltassem de tarde; mas quem nunca mais voltou foi ele.

Quando eles voltaram à hora combinada, já era tarde demais. Disse-lhes que o meu amo ainda não tinha voltado. Chegada a noite, e ele não, tive medo de ficar sozinho, fui à casa das vizinhas, contei-lhes tudo e lá dormi. Quando amanheceu, os credores voltaram e perguntaram pelo vizinho, mas na porta do lado... As mulheres responderam:

— Está aqui o moço dele e a chave da porta.

Então perguntaram-me por ele e eu respondi que não sabia onde estava

e que também não tinha voltado à casa, desde que saiu para trocar a moeda de ouro, e que pensava que tinha fugido deles e de mim com o troco. Assim que ouviram isto, foram chamar um meirinho e um escrivão. Eis que voltam logo com eles, pegam a chave e chamam por mim e por testemunhas. Abrem a porta e entram para embargar os bens do meu amo por conta da dívida. Percorrem toda a casa e viram que estava vazia, conforme contei, e perguntaram-me:

— Onde estão as coisas do seu amo, suas arcas, tapeçarias e os adornos da casa?

— Não sei de nada disso — respondi-lhes.

— Sem dúvida — disseram eles — carregaram tudo durante a noite e levaram para outro lugar. Senhor meirinho, prenda este moço, porque ele sabe onde está tudo. 295

Nisto, o meirinho aproximou-se de mim e agarrou-me pela gola do gi-bão, dizendo:

— Rapaz, você está preso, se não revelar onde estão os bens do seu amo.

Eu, como nunca me tivesse visto num rolo daqueles (porque agarrado pela gola sim havia sido muitas e infinitas vezes, mas com pouca força, pelo cego, para que lhe mostrasse o caminho) tive muito medo e, chorando, prometí responder a tudo o que perguntassem.

— Está bem — disseram eles —. Então diga tudo o que sabe e não tenha medo algum.

Sentou-se o escrivão num banco de pedra, para escrever o inventário, e perguntou-me o que meu amo possuía. 300

— Senhores — disse eu —, o que este meu amo tem, conforme ele me confessou, é um grande solar e um pombal em ruínas.

— Está bem — disseram eles —. Por pouco que isso valha, certamente será suficiente para cobrarmos a dívida. Em que parte da cidade ele tem esses bens? — perguntaram-me.

— Em sua terra — respondi-lhes.

— Por Deus, está ficando bonito o negócio! — exclamaram eles—. Onde é a terra do seu amo?

— Ele disse-me que era em Castela a Velha — respondi. 305

O meirinho e o escrivão riram muito, dizendo:

— Com essa informação basta para cobrar a dívida! Mesmo que fosse bem maior!

As vizinhas, que estavam presentes, disseram:

— Senhores, este menino é inocente e faz poucos dias que está com esse escudeiro. Não sabe nada dele mais do que Vossas Mercês, até porque o pobrezinho vinha aqui a nossa casa e, por amor a Deus, dávamos-lhe de comer com o que podíamos e, à noite, ia dormir com ele.

Provada a minha inocência, largaram-me, devolvendo-me a liberdade. O meirinho e o escrivão pediram ao homem e à mulher os honorários. Armou-se grande confusão e barulho, porque os queixosos disseram que não eram obrigados a pagar, já que não aconteceu o embargo dos bens. Os outros 310

alegavam que tinham deixado de tratar de outro negócio mais rendoso, para tratarem daquele.

Finalmente, depois de muitos gritos, o meirinho carregou o velho colchão da velha, que não pesava muito. Lá se foram embora todos os cinco, aos berros. Não sei como terminou tudo aquilo. Creio eu que quem pagou foi o pobre colchão. Foi bem feito que pagasse, porque, numa idade em que devia descansar e estar livre de todas as canseiras, ainda se alugava.

Assim, tal como contei, deixou-me o meu pobre terceiro amo, com quem reconheci até onde chegava a minha má sorte. Pois, deixando ver tudo o que ela podia contra mim, fazia meus negócios saírem todos ao contrário. Porque, enquanto os amos são abandonados pelos criados, comigo não foi assim, mas foi a meu amo quem me deixou e fugiu de mim.

Tratado Quarto

De como Lázaro se pôs a serviço de um frade das Mercês e o que lhe aconteceu

perdido por andar fora, grande amigo de negócios seculares e de visitas; tanto que, penso eu, rompia mais sapatos que todo o convento. Foi ele quem me deu os primeiros sapatos que rompi na minha vida; mas não me duraram oito dias, nem eu agüentei com o trote dele. Por isso, e por outras coisinhas que não conto, deixei-o.

Tive de procurar o meu quarto amo e foi este um frade das Mercês, que as mulherzinhas, de quem já falei, indicaram-me e a quem elas chamavam de parente. Grande inimigo do coro e de comer no convento,

Tratado Quinto

De como Lázaro se pôs a serviço de um buleiro e o que lhe aconteceu

ções que tinha e imaginava.

Ao entrar nos lugares onde devia ser proclamada a bula, primeiro apresentava aos clérigos ou padres com qualquer coisinha, de pouco valor e importância: uma alface murciana e, se era tempo, algumas limas ou laranjas, um maracotão, um par de pêssegos, ou uma pera de casca verde para cada um. Procurava, assim, adoçar-lhes a boca, para que, em troca, favorecessem seu negócio e chamassem seus paroquianos a receber a bula.

Quando lhe agradeciam os presentes, informava-se dos conhecimentos deles. Se diziam que sabiam latim, não pronunciava uma palavra latina, para não tropeçar. Mas aproveitava-se de um belo e rebuscado vernáculo e de um desenvolvido falar. Mas, se percebia que tais clérigos eram daqueles reveren-

Para minha sorte dei com o quinto, que era um buleiro, o mais experiente e desavergonhado e o maior negociante de bulas que jamais vi, ou espero ver, nem penso que alguém viu, pelas formas e maneiras especiais e sutis inven-

dos (que se ordenam mais com o dinheiro do que com estudos e recomendações), transformava-se diante deles num Santo Tomás. Falava duas horas em latim; pelo menos parecia, embora não o fosse.

Quando não lhe aceitavam as bulas por bem, procurava que as aceitassem por mal. Para isso, incomodava o povo e outras vezes com manhosos artifícios. Como levaria muito tempo para contar todos os que vi fazer, falarei de um, muito sutil e engraçado, com o qual ficará provada a sua habilidade.

Num lugar da Sagra de Toledo, ele havia pregado dois ou três dias, fazendo as suas costumeiras diligências. Não lhe haviam adquirido uma bula sequer, nem demonstravam intenção de fazê-lo. Maldizia por isso e, pensando em que fazer, combinou convidar o povo para a despedida da bula, no outro dia de manhã.

Essa noite, depois de jantar, ele e o meirinho puseram-se a jogar por uma colação. Por causa do jogo, discutiram e se ofenderam. Ele chamou o meirinho de ladrão e o outro chamou-lhe de falsário. Por isto, o senhor comissário, meu amo, pegou uma grande lança, que estava à porta da casa onde jogavam. O meirinho pôs a mão na espada que trazia à cintura.

Ao barulho e aos gritos que todos demos, correram os hóspedes e vizinhos e meteram-se no meio dos dois. Eles, bastante enfurecidos, procuravam livrar-se dos que queriam separá-los, para se matarem. Como as pessoas acorressem ao grande alvoroço e assim a casa se enchesse de gente, vendo que não poderiam enfrentar-se com as armas, ofendiam-se com palavras injuriosas. Entre as quais, o meirinho disse ao meu amo que era um falsário e que as bulas que proclamava eram falsas. Finalmente, os do lugar, vendo que não conseguiam apaziguá-los, decidiram levar o meirinho da pousada a outra parte. Com isso, meu amo ficou ainda mais irritado. Depois que os hóspedes e os vizinhos lhe pediram que se acalmasse e fosse dormir, lá se foi e assim fomos todos.

320

Na manhã seguinte, o meu amo foi à igreja e mandou tanger para a missa e para o sermão, a fim de distribuir a bula. O povo, que se aglomerou, já andava murmurando sobre as bulas, dizendo que eram falsas e que o próprio meirinho, durante a discussão, o tinha revelado. De modo que, se antes tinham dúvida em aceitá-las, depois disto nem queriam ouvir falar nelas.

O senhor comissário subiu ao púlpito e começou o seu sermão, animando as pessoas a não perderem tanto benefício e as indulgências que a santa bula lhes trazia. Estando no melhor do sermão, entrou pela porta da igreja o meirinho. Depois que fez sua oração levantou-se e, em voz alta e pausada, sensatamente começou a dizer:

— Boa gente, ouçam a minha palavra, e depois ouvirão a quem quizerem. Eu vim aqui por causa deste embusteiro que lhes está pregando, porque me enganou e disse para ajudá-lo neste negócio e que depois repartiríamos o lucro. Agora, visto o dano que causaria à minha consciência e aos seus bens, arrependido do que fiz declaro-lhes em alto e bom som que as bulas que ele prega são falsas; que não devem acreditar nem aceitá-las e que eu, nem dire-

ta nem indiretamente, não tenho nada a ver com o assunto. A partir deste momento, deixo a minha vara e atiro-a ao chão. Se alguma vez ele vier a ser castigado por sua falsidade, peço-lhes que sejam testemunhas de que não estou com ele nem o ajudo, antes os desengano e denuncio a sua maldade.

Assim terminou o seu arrazoado. Alguns homens honrados que ali estavam quiseram levantar-se e pôr o meirinho fora da igreja, para evitar o escândalo. Mas o meu amo impediu-os e ordenou a todos que, sob pena de excomunhão, não o incomodassem, mas que o deixassem dizer tudo o que bem entendesse. Assim, ele também ficou em silêncio, enquanto o meirinho disse tudo o que contei.

Quando calou, meu amo disse-lhe que, se queria continuar, que o fizesse. O meirinho respondeu:

— Há muito mais a dizer a seu respeito e de sua falsidade, mas por ora basta.

O senhor comissário pôs-se de joelhos no púlpito e, de mãos postas e olhando para o céu, assim falou:

— Senhor Deus, a quem nada se pode esconder, mas tudo é evidente, e a quem nada é impossível, mas tudo é possível: o Senhor sabe a verdade e quanto sou injustamente difamado. Pelo que me toca, eu o perdôo, para que o Senhor Deus também me perdoe. Não olhe para aquele que não sabe o que faz nem o que diz; mas a injúria feita ao seu nome, suplico-lhe e, em nome da justiça, peço-lhe que não a desculpe. Porque alguns dos que aqui estão, que porventura pensaram tomar esta santa bula, dando crédito às falsas palavras daquele homem, deixarão de fazê-lo. Por ser tão grande o prejuízo do próximo, suplico-lhe. Senhor, que não o deixe passar. Mas mostre logo um milagre aqui e desta maneira: se for verdade o que ele diz e que eu trago em mim o mal e a falsidade, que este púlpito caia e se afunde comigo na terra, onde nem ele nem eu nunca mais sejamos vistos. Se é verdade o que eu digo e ele, tomado pelo demônio para prejudicar e privar os presentes de tão grande benefício, diz mentiras, também seja castigado e a sua perfídia conhecida de todos.

Mal tinha acabado sua oração o meu devoto senhor, o malfadado meirinho caiu por terra. Deu tão grande golpe no chão, que ressoou por toda a igreja. Começou a rugir e a soltar espumas pela boca, a torcê-la e a fazer caretas, sacudindo os pés e as mãos, revolvendo-se pelo chão de um lado a outro.

O estrondo e os gritos daquela gente eram tão grandes, que já não se ouviam uns aos outros. Alguns estavam cheios de espanto e de medo. Uns diziam: “Que o Senhor lhe acuda e valha”. Outros: “Ele tem o que merece, por ter levantado tão falso testemunho”.

Finalmente, alguns dos presentes, a meu ver não sem grande temor, aproximaram-se. Agarraram-lhe os braços, com os quais ele golpeava fortemente aos que estavam perto. Outros puxavam-no pelas pernas e seguravam-no com força, porque não havia no mundo mula traiçoeira que atirasse coices tão violentos. Assim o seguraram algum tempo. Porque estavam em cima dele mais de quinze homens, e a todos ele distribuía socos e, se se descuidavam, acertava-lhes as fuças.

Durante este tempo, o senhor meu amo permanecia ajoelhado no púlpito, com as mãos e os olhos voltados para o céu, transportado à essência divina, pois a choradeira, o tumulto e os gritos que soavam na igreja não bastavam para arrancá-lo da sua divina contemplação.

Aqueles bons homens aproximaram-se e, aos gritos, acordaram-no. Suplicaram-lhe que fosse socorrer aquele infeliz que estava morrendo e que não olhasse para as coisas passadas nem para as suas injustas palavras, porque já por elas havia pagado. Mas que, se alguma coisa pudesse fazer para livrá-lo do perigo e do sofrimento, pelo amor de Deus o fizesse, já que todos viam claramente a culpa do culpado e a verdade e bondade dele, pois o buleiro, a seu pedido e vingança, o Senhor não havia tardado em castigá-lo.

O senhor comissário, como quem acorda de um agradável sonho, olhou para eles e para o delinqüente e para todos os que o rodeavam e disse-lhes, pausadamente:

— Bons homens, os senhores nunca deveriam pedir por um pecador em que Deus tão claramente se revelou; porém, como Ele nos manda que não paguemos o mal com o mal e que perdoemos as injúrias, podemos rogar-lhe confiadamente que cumpra o que nos manda fazer e que a Sua Majestade perdoe a este que o ofendeu pondo obstáculo a sua santa fé. Vamos todos suplicar-lhe.

Assim, desceu do púlpito e recomendou ali que, com a maior devoção, suplicassem a Nosso Senhor houvesse por bem perdoar àquele pecador e torná-lo à sua saúde e são juízo e expulsar dele o demônio, se a Sua Majestade tinha permitido que, pelo seu grande pecado, nele entrasse.

Todos caíram de joelhos e, diante do altar, acompanhados pelos clérigos, começaram a cantar em voz baixa uma ladainha. Chegando com a cruz e a água benta, depois de ter cantado sobre ele, o senhor meu amo, erguidas as mãos e os olhos, dos que não se via senão um pedacinho do branco, começou uma oração tão comprida como devota, que arrancou lágrimas de toda a gente (como costuma acontecer nos sermões da Paixão, quando o pregador e o auditório são devotos). Suplicava a Nosso Senhor, pois não queria a morte do pecador, mas a sua vida e arrependimento, que àquele, guiado pelo demônio e persuadido da morte e do pecado, lhe quisesse perdoar e dar vida e saúde, para que se arrependesse e confessasse seus pecados.

Feito isso, mandou trazer a bula e a pôs sobre a cabeça do pecador do meirinho. Este começou a melhorar pouco a pouco, e a voltar a si. Quando recobrou os sentidos por completo, lançou-se aos pés do senhor comissário. Pediu-lhe perdão e confessou ter dito aquilo pela boca e a mando do demônio, por um lado, para causar-lhe dano e vingar-se da injúria; por outro e principalmente, pelo grande prejuízo que o demônio sofria pelo bem que ali se faria ao tomar a bula.

O senhor meu amo perdoou-lhe e fizeram as pazes. Toda a gente teve tanta pressa em tomar a bula, que quase não houve alma viva no lugar que ficasse sem ela: tomaram-na marido e mulher, filhos e filhas, moços e moças.

Divulgou-se a notícia do acontecimento por todos os lugares da região. Quando neles chegávamos, não era necessário fazer sermão nem ir à igreja, porque vinham tomar as bulas na estalagem, como se fossem peras que se davam de graça. De modo que, em dez ou doze lugares daqueles arredores aonde fomos, distribuiu o senhor meu amo outras tantas mil bulas sem fazer sermão.

Quando ele representou aquela farsa, confesso o meu pecado, também eu julguei que era verdade, como tantos outros, mas, ao notar depois o riso e a troça que o meu amo e o meirinho faziam do negócio, percebi que tudo fora engendrado pelo engenhoso e inventivo amo.

340

[Aconteceu-nos em outro lugar, que não quero nomear por sua honra, o seguinte: foi o meu amo e pregou dois ou três sermões onde, valha-me Deus, ninguém tomava a bula. Vendo o astuto do meu amo o que se passava e que estavam tão rebeldes em aceitá-la e que seu trabalho era perdido, fez tocar os sinos para despedir-se. Feito seu sermão e a despedida do púlpito, já quando queria descer, chamou o escrivão e a mim, que estava carregado com alguns alforjes, e fez-nos chegar ao primeiro degrau. Tomou do meirinho as que levava nas mãos e as que eu tinha nos alforjes, colocou-as junto a seus pés e tornou a colocar-se no púlpito, com a cara alegre, e a atirar dali suas bulas de dez em dez e de vinte em vinte, em todas as direções, dizendo:

— *Meus irmãos, aceitem, aceitem as graças que Deus lhes envia até suas casas e que isto não lhes cause dor, pois é obra tão pia a redenção dos cristãos cativos que estão nas terras dos mouros. Para que não reneguem a nossa santa fé e sofram as penas do inferno, ajudem-nos ao menos com a sua esmola e com cinco padre-nossos e cinco ave-marias, para que saiam do cativeiro. Elas servem também para os pais, irmãos e parentes que os senhores têm no Purgatório, como verão nesta santa bula.*

Como o povo as visse atiradas assim, qual coisa dada de graça e vinha da mão de Deus, tomava-as com todo o fervor, também para as crianças de colo e para todos os seus defuntos, contando desde os filhos até o mais humilde criado que tinham, contando-os nos dedos. Vimo-nos diante de tanta pressa, que quase acabaram por rasgar-me um pobre e velho saio que vestia, de modo que certifico a Vossa Mercê que em pouco mais de uma hora não restou bula nos alforjes e ele foi à estalagem buscar mais.

Quando todos, enfim, se deram por satisfeitos, disse o meu amo, do alto do púlpito, ao seu escrivão e ao do Conselho que se levantassem; e para que se soubesse quem eram os que haviam de gozar da santa indulgência e dos perdões da santa bula e para que ele prestasse boa conta a quem o havia enviado, se inscrevessem.

Assim, logo todos declararam de boa vontade quantas bulas haviam tomado, contando por ordem os filhos e criados e até defuntos.

Feito o inventário, pediu aos alcaides que, por caridade, porque ele tinha o que fazer em outra parte, ordenassem ao escrivão que o certificasse

345

por escrito bem como a relação das bulas que ali ficavam, as quais, segundo esse mesmo escrivão, somavam mais de mil.

Feito isto, despediu-se tranqüilamente, com muita paz e amor. Assim partimos deste lugar; mas, antes de partirmos, o padre do lugar e os rege dores foram perguntar-lhe se a bula dava proveito também às criaturas que estavam no ventre de suas mães, ao que ele respondeu, segundo o que ele tinha estudado, que não; que fossem perguntar aos doutores mais antigos que ele, e que isto era o que achava neste negócio.

Assim partimos, indo todos muito alegres com o bom negócio. Dizia o meu amo ao meirinho e ao escrivão:

—Que lhes parece, como é que esses aldeões, só com dizer somos cristãos-velhos, sem fazer obras de caridade, pensam em se salvar sem pôr nada dos seus bens? Pois, pela vida do licenciado Pascásio Gómez, que a sua custa se livrem mais de dez cativos!

350

Assim fomos até outro lugar, naqueles confins de Toledo em direção à Mancha, como se diz, onde topamos com outros mais obstinados em tomar bulas. Feitas, pelo meu amo e pelos demais membros da sua comitiva, as nossas diligências, em duas festas em que lá estivemos, não se tinham vendido trinta bulas.

Tendo visto o sutil do meu amo a grande perda e o alto prejuízo causando, a ardileza que usou para gastar as suas bulas consistiu em que, nesse dia, rezando a missa solene, terminado o sermão, voltou ao altar e tomou uma cruz que trazia de pouco mais de um palmo, e um braseiro que estava sobre o altar (que ali haviam posto para aquecer as mãos, porque fazia muito frio) ele colocou detrás do missal, sem que ninguém percebesse. Então, sem dizer nada, pôs a cruz sobre as brasas. E assim que terminou a missa e deu a bênção, tomou a cruz com a mão direita, envolvendo-a bem com um lenço, e com a outra mão tomou a bula. E assim desceu até a última grade do altar, onde fingiu que beijava a cruz, e fez sinal para que viessem adorá-la. Assim, vieram os alcaides primeiro e os mais anciãos do lugar, um a um, como é de costume.

O primeiro que chegou, que era um alcaide velho, embora tivesse beijado a cruz delicadamente, ficou com as faces coradas e se afastou apressadamente, o que foi visto por meu amo, que lhe disse:

—Calma, quieto, senhor alcaide! Milagre!

Assim fizeram outros sete ou oito, e a todos lhes dizia:

355

—Calma, senhores! Milagre!

Quando ele achou que os rostos queimados eram suficientes para testemunhar o milagre, não quis mais dar a cruz para beijar. Subiu ao pé do altar e dali dizia coisas maravilhosas, dizendo que, por causa da pouca caridade que eles tinham, Deus havia permitido aquele milagre, e que aquela cruz seria levada à santa igreja matriz do seu bispado, e que, por causa da pouca caridade que havia naquele povoado, a cruz ardia.

Foi tanta a pressa que houve em se aceitar a bula, que nem dois escrivães nem os clérigos nem os sacristães eram suficientes para escrever.

Acredito que se venderam mais de três mil bulas, como tenho dito a Vossa Mercê.

Depois disso ele foi, com grande reverência, como o momento exigia, buscar a santa cruz, dizendo que, por justiça, era preciso engastá-la em ouro. O Conselho e os clérigos do lugar rogaram-lhe muito que deixasse ali aquela santa cruz, como testemunha do milagre acontecido naquele lugar. Ele, de nenhuma maneira, queria atender ao pedido, mas, como as rogativas foram tantas, concordou em deixá-la; com o que, em troca, deram-lhe uma outra cruz velha que tinham, antiga, de prata, que pesaria duas ou três libras, conforme diziam.

Assim partimos alegres com a boa troca e com o bom negócio. Ninguém percebeu o que aconteceu a não ser eu, pois eu subi rente ao altar, para ver se ficara nas galhetas alguma coisa que eu pudesse guardar para mim, como de outras vezes costumava fazer; e como ali me viu, levou o dedo à boca, fazendo sinal para que me calasse. Assim fiz, porque me cabia, embora depois de ver o milagre não me coubesse em mim por espalhá-lo; porém, o receio que tinha do meu astuto amo não me deixava comunicá-lo a ninguém, nem nunca saiu de mim, porque ele me fez jurar que eu não descobriria o milagre. Assim procedi até agora.]

Apesar de rapaz ainda, achei tudo isto uma graça e disse para mim mesmo: “Quantas destas devem fazer estes enganadores às pessoas inocentes!”

360

Para terminar, estive com este meu quinto amo perto de quatro meses, nos quais experimentei também grandes fadigas, [embora me desse bem de comer, à custa dos padres e outros clérigos de onde ia pregar.]

Tratado Sexto

De como Lázaro se pôs a serviço de um capelão e o que lhe aconteceu

Depois disto, ajustei-me com um mestre pintor de pandeiros, para lhe moer as cores, e também sofri mil tormentos.

Sendo eu já a esta altura um rapaz, entrando um dia na igreja matriz, um capelão recebeu-me a seu serviço. Entregou-me um burro, quatro cântaros e um chicote. Comecei a distribuir água pela cidade. Foi este o primeiro degrau que subi para chegar a ter uma boa vida, porque consegui tudo o que queria. Dava, todos os dias, ao meu amo, trinta maravedis dos que ganhava; ficava para mim tudo o que ganhava aos sábados e o que, nos demais dias da semana, passasse dos trinta maravedis.

Saí-me tão bem no ofício, que, depois de quatro anos em que nele estive, guardando o que ganhava, economizei para me vestir muito decentemente com roupa usada. Comprei um gibão velho de fustão e um saio puído de manga trançada e com abertura, uma capa que outrora tivera pelo frisado, das primeiras de Cuêlhar. Desde que me vi em roupas de homem de bem, disse ao meu amo que ficasse com seu burro, que eu não queria mais continuar naquele ofício.

Tratado Sétimo

De como Lázaro se pôs a serviço de um meirinho e o que aconteceu

Após despedir-me do capelão, fui servir como beleguim de um meirinho. Mas muito pouco fiquei com ele, por considerar perigoso o ofício; principalmente porque numa noite nos puseram para correr, a mim e ao meu amo, a pedradas e a paus, uns foragidos da justiça. A mim não alcançaram, mas ao meu amo, que os esperou, trataram-no mal. Por isso desisti do trato.

Pensando num emprego do qual pudesse viver, descansar e ganhar alguma coisa para a velhice, quis Deus iluminar-me e mostrar-me o caminho e a maneira mais vantajosa. Com a ajuda que tive de amigos e senhores, todos os meus trabalhos e fadigas até então passados foram recompensados, quando alcancei o que procurava, que foi um ofício real, por ver que só progredim os que o têm. Nesta ocupação vivo e estou hoje em dia a serviço de Deus e de Vossa Mercê. Tenho o cargo de apregoar os vinhos que nesta cidade se vendem, e em leilões, e anunciar as coisas perdidas, acompanhar os que sofrem perseguições da justiça e proclamar seus delitos: pregoeiro, falando claramente.

[Neste ofício, num dia em que enforcávamos um amigo do alheio em Toledo e eu levava uma boa corda de esparto, lembrei-me e verifiquei que estava certa a previsão que o cego, meu amo, tinha feito em Escalona, e me arrependí do mal que lhe causei, pelo muito que me ensinou. Porque, depois de Deus, foi ele quem melhor me orientou para chegar ao estado em que estou agora.]

Fui tão bem-sucedido, tão facilmente me desempenhei, que quase todos os assuntos relativos ao ofício passam pelas minhas mãos; tanto que, em toda a cidade, os que querem vender vinho, ou qualquer outra coisa, se Lázaro de Tormes não se mete no caso, já sabem que não tiram daí nenhum proveito.

Por essa época, vendo a minha habilidade e o meu bom viver, tendo notícia de minha pessoa, o senhor arcipreste de São Salvador, meu senhor, servidor e amigo de Vossa Mercê, porque eu lhe apregoava seus vinhos, procurou casar-me com uma criada sua. Como vi que de tal pessoa não podia receber senão bem e favor, concordei em fazê-lo.

Assim, casei com ela e até hoje não estou arrependido, porque, além de ser ela boa moça e diligente serviçal, recebo do meu senhor, o arcipreste, todo o favor e auxílio. E sempre no ano lhe dá, em várias vezes, perto de um carga de trigo; pela Páscoa, sua carne e, por ocasião da oferenda dos pães, as calças velhas que deixa de usar. E fez-nos alugar uma casinha perto da sua; aos domingos e em quase todos os dias de festa comíamos em sua casa.

Mas as más línguas, que nunca faltaram nem faltarão, não nos deixam viver com o disse-não-disse de que vêem a minha mulher ir fazer a cama e cozinhar para ele comer. Tomara recebam de Deus ajuda maior do que a verdade que dizem.

[Embora naquele tempo eu chegasse a ter alguma suspeitazinha e tivesse jantado mal alguma noite por ficar à espera dela até o amanhecer ou mais ainda; e me lembrei do que disse o meu amo, o cego, em Escalona, segurando o chifre. Mesmo assim, para falar a verdade, sempre penso que é o diabo quem me traz estas coisas à memória para estragar meu casamento, mas não ganha nada com isso.]

Porque, além de não ser ela mulher que goste dessas brincadeiras, o meu Senhor me garantiu, o que acredito que cumprirá. Um dia falou comigo durante longo tempo diante dela e disse-me:

—Lázaro de Tormes, quem se preocupa com o que dizem as más línguas nunca progredirá; digo isto porque não me admiraria algum falatório pelo fato de sua mulher ser vista entrando e saindo da minha casa. Ela entra honrando a você e a si mesma. Isto eu lhe garanto. Portanto, não dê importância ao que possam dizer, mas apenas ao que lhe interessa, quer dizer, ao seu proveito.

375

— Senhor — disse-lhe —, resolvi aproximar-me dos bons. É verdade que alguns dos meus amigos me falaram alguma coisa, e por mais de três vezes me asseguraram que, antes de casar comigo, ela tinha parido três vezes, falando com todo respeito a Vossa Mercê, que ela está aqui.

Então a minha mulher jurou por sua vida, a ponto de eu pensar que a casa cairia em cima de nós. Depois, começou a chorar e a lançar maldições sobre quem a tinha casado comigo, de tal modo que eu preferiria estar morto do que ter dito aquelas palavras. Mas eu de um lado e o meu amo do outro, tanto falamos e concedemos, que ela parou de chorar, com a promessa de que nunca mais na minha vida eu mencionaria nada daquilo, e que eu gostava e achava bem que ela ali entrasse e saísse, de noite ou de dia, pois estava convencido de sua bondade. Assim, ficamos satisfeitos todos os três.

Até o dia de hoje nunca mais ninguém nos ouviu falar sobre o caso; pelo contrário, quando percebo que alguém quer dizer qualquer coisa sobre ela, atalho-o e digo:

— Olhe, se você é meu amigo, não me diga nada que me aborreça, porque não considero amigo aquele que me traz contrariedade. Principalmente se querem me indispor com a minha mulher, que é a coisa que eu mais quero no mundo, e a amo mais que a mim mesmo, e por seu intermédio me concede Deus mil graças e maiores bens do que eu mereço. Porque eu jurarei sobre a hóstia consagrada que é tão boa mulher como qualquer outra que vive dentro das portas de Toledo. Quem me disser outra coisa, terá que lutar comigo até à morte.

380

Desta forma, ninguém me diz nada. Assim, eu vivo em paz na minha casa.

Isto aconteceu no mesmo ano em que nosso vitorioso Imperador entrou nesta insigne cidade de Toledo e nela reuniu Cortes, e se realizaram grandes festas, como Vossa Mercê terá ouvido. Pois, nesse tempo, estava eu na minha prosperidade e no auge de toda a boa fortuna.

[Do que de hoje em diante me aconteça, avisarei a Vossa Mercê.]